

ENTRE COM CALMA.
O PRÉDIO NÃO AMEAÇA.
APENAS REPARA EM QUEM ENTRA.

Farthi

fernando alonso

2025 - designo

A história e personagens nesta publicação são fictícios. Qualquer semelhança com eventos e pessoas vivas ou mortas são apenas coincidências. Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida por qualquer meio sem a expressa e consentimento por escrito dos detentores do copyright.

ROTEIRO E ARGUMENTO

fernando alonso

PRODUÇÃO DO TEXTO

fernando alonso

chatGPT 4

REVISÃO E ADAPTAÇÃO

fernando alonso



ILUSTRAÇÃO

SORA

DESIGNER

fernando alonso

EDITORA

voxlibri

DEDICATÓRIA

Aos que carregam prédios inteiros dentro do peito.
Aos que se perdem em corredores internos e, ainda assim,
insistem em acender as luzes.
Aos que já olharam para o próprio porão e decidiram ficar.

Este livro é para vocês — e para as versões de vocês que nunca
tiveram coragem de falar.



A dark, ornate building facade at night. The word "PREFÁCIO" is written vertically in glowing, white, serif capital letters on the left side of the building. The building's surface is covered in intricate, dark, swirling patterns. A window is lit from within, showing a warm glow. The overall atmosphere is mysterious and gothic.

PREFÁCIO

Há livros que nascem para
contar histórias.
E há livros que nascem
para abrir portas —
mesmo aquelas que o
autor jamais imaginou
abrir. Edifício Farthi é isso:
uma construção de
paredes tortas, corredores
úmidos e janelas que dão
para dentro. Não há heróis
aqui, apenas eus. Vários.
Todos fragmentados,
falhos, belos e assustadores
na mesma medida.

O prédio é um personagem. Mas, acima de tudo, é um espelho.

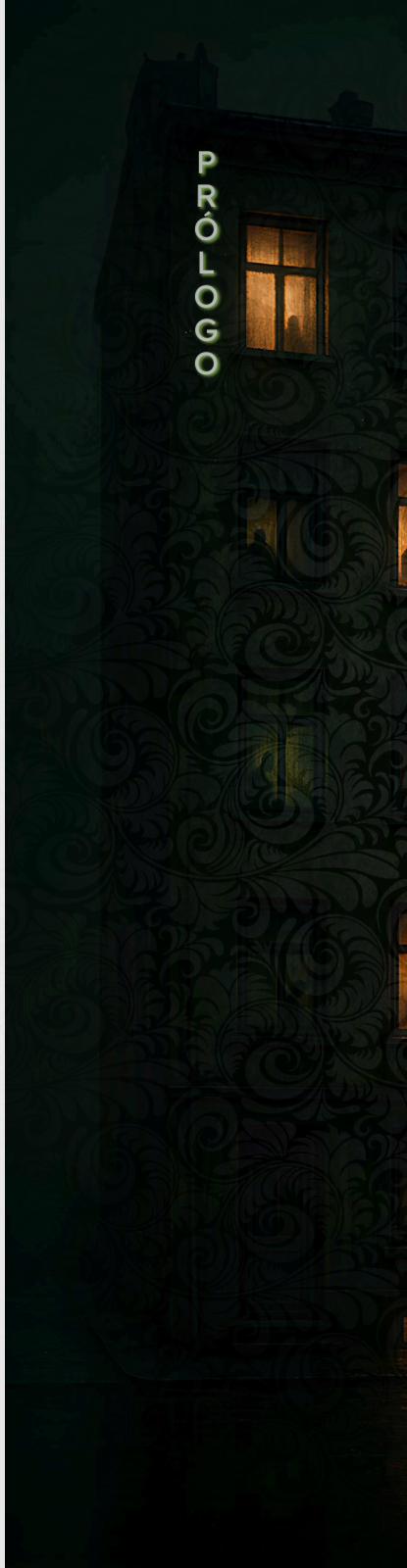
Cada andar é uma versão nossa que evitamos visitar; cada morador é um pedaço de quem fomos, de quem poderíamos ter sido, ou de quem ainda estamos tentando aceitar. O porão, claro, guarda o que ninguém gosta de nomear — mas que insiste em existir, mesmo atrás das portas trancadas.

Não espere por uma narrativa de respostas fáceis. Este livro não entrega conforto.

Ele entrega verdade, mesmo quando ela arde.

Se ao final você sentir que algo se mexeu dentro de você — um corredor, um quarto esquecido, uma memória que voltou a bater na porta —, talvez seja o Farthi chamando.

Talvez seja apenas você se lembrando de quem é.



Entre com cuidado.
Não porque o prédio seja
perigoso, mas porque ele
olha de volta.

O Farthi não é feito apenas
de concreto. Suas paredes
guardam mais do que o
tempo permite, e seus
corredores são estreitos
porque foram pensados
para que ninguém passe
sem esbarrar em si
mesmo. Não espere por
plantas decoradas nem por
luzes quentes. Aqui, tudo
range. Tudo cheira a
memória úmida.

Não conheço todos os moradores tão bem quanto deveria. Eu os vejo entrar e sair, escuto passos no meio da noite, encontro restos de vida nas escadas. Cada apartamento guarda um “eu” que eu não sei se já fui ou se ainda posso ser. Sou apenas o zelador — aquele que cuida sem nunca morar por inteiro. Mas, de certo modo, talvez eu seja o único que conhece o todo, porque sinto cada batida, cada respiração do prédio, cada silêncio pesado que se espalha pelos andares.

Se você decidir ficar, vai ouvir vozes que não são exatamente vozes, mas memórias.

Vai encontrar portas que se abrem fácil demais e outras que resistem como se protegessem um segredo. E, se chegar ao porão, entenda: ali nada é guardado por acaso. O que vive lá embaixo não se apresenta como fantasma — mas como tudo o que foi trancado para não ser lembrado.

Não se preocupe em entender o prédio de imediato.

Ninguém entende.

Nem eu.

Mas, se você entrar, não sairá o mesmo.

O Farthi muda a gente.

Ou apenas nos mostra aquilo que sempre estive ali, esperando na escuridão.





O ZELADOR

Nunca me mudei pra cá.
Eu sempre estive aqui.
Não há memória de
chegada, nem mala, nem
porta abrindo com
cheiro de novo. Nasci
nesse prédio e, desde
então, apenas... fiquei.
Cuido da estrutura,
arrumo o que dá, ignoro
o que não sei consertar.
Ninguém me contratou.
Ninguém nunca me
pagou. Mas também
nunca me pediram pra ir
embora. Talvez porque
ninguém mais saiba
como esse prédio
funciona de verdade.

Dizem que zeladores são almas que habitam o lugar inteiro sem realmente morar em nenhum canto. No meu caso, é quase isso — com a diferença de que eu moro, sim. Num quartinho no térreo, ao lado da sala de medidores de energia. Uma cama de solteiro com o colchão encurvado, um fogão de uma boca, uma cadeira que range mais do que eu. Quando chove muito, o teto pinga. Mas eu já pus uma bacia num lugar exato, com uma toalha dobrada embaixo. Não molha mais nada. Nem sei por onde água entra. Mas não quero olhar isso agora. Tem coisa mais urgente no prédio.

A estrutura toda range. As escadas, os canos, as paredes. Às vezes acho que ouço gemidos vindo do encanamento, como se o concreto tivesse lembranças. E tem mesmo. Eu limpo rastros que não fiz. Escuto brigas em apartamentos trancados. Recolho objetos esquecidos por moradores que ainda vivem aqui. Cada andar tem uma temperatura, um cheiro, uma dor.

Nunca bati em nenhuma porta sem necessidade. Só entro quando me chamam. Já vi coisas que preferia não ter visto. Já desviei o olhar. Já finjo não ouvir. E sigo. É isso que faço: mantenho tudo funcionando mesmo quando não sei se alguém realmente quer que funcione. Talvez seja só costume.

Há noites em que subo até o último andar e fico olhando a cidade lá de cima. O telhado é estreito, a mureta descascada. Levo uma chave de fenda só por segurança, mesmo que não tenha nada pra consertar ali. Gosto de sentir o vento. De escutar as antenas balançando. Às vezes olho pras janelas dos outros apartamentos, todas

iluminadas de forma diferente, como se cada uma vivesse num tempo próprio. Tem um apartamento onde a luz nunca apaga. Outro onde ninguém mais entra, mas eu juro que escuto passos.

Outro dia encontrei um bilhete no hall, próximo ao livro de registros. Papel amassado, letra rápida, como se tivesse sido escrito na pressa de um desabafo. Estava endereçado “ao zelador”, mas sem assinatura. A mensagem dizia apenas:

“Você cuida demais do prédio. Mas e de você?”

Guardei o bilhete no bolso e fui terminar de desentupir a pia do segundo andar. O morador havia deixado acúmulo de café no ralo de novo. Eu já tinha falado. Ele continua fazendo. Mas tudo bem, tem coisa pior.

Naquela mesma noite, enquanto trocava uma lâmpada no corredor, percebi que a luz do 202 piscava. Nada incomum. A lâmpada de lá sempre foi instável, e o morador... bom, o morador também. Mas havia algo diferente no ar. O som de uma música vazava pela porta entreaberta. Um blues lento, desses que parecem escorrer pelas paredes. E então ouvi passos — leves, mas firmes — e antes que eu pensasse em bater, ele abriu a porta.

Ficou ali, em pé, segurando o copo com uma mão e um silêncio antigo com a outra. Me olhou como quem já sabia tudo que eu tinha pra dizer e não estava interessado em ouvir. Depois falou, com uma voz gasta mas intacta:

— Você nunca entra. Só observa. Tá esperando o quê?

Não respondi. Ele virou as costas e voltou pra dentro. Deixou a porta aberta. Entrei devagar, como quem invade um lugar sagrado, mesmo sem saber se vai ser bem-vindo. O apartamento tinha luz baixa, cheiro de vinho ressecado e madeira antiga. As cortinas estavam meio abertas, o som pesado da guitarra preenchia os espaços entre os móveis e havia uma mesa com duas cadeiras, uma delas com a almofada rasgada.

Ele se sentou sem me convidar. Apenas deixou que eu ficasse. E, antes que qualquer palavra fosse dita, soltou algo que ainda ressoa em mim:

— A gente só mora aqui porque você nunca quis expulsar ninguém.

Depois disso, não falou mais. Também não precisou. Eu permaneci ali por um tempo, sem saber se era visita ou confissão. Quando saí, o corredor parecia diferente. Mais estreito, talvez. Ou mais honesto.

Voltei pro meu quartinho e não consegui dormir. Fiquei encarando o teto, contando os pingos que caíam na bacia. Eles batiam com regularidade. Como se marcassem o tempo entre o que eu sou e o que eu ainda não permiti que entrasse.



A PLANTA ORIGINAL

Ninguém sabe ao certo como o Edifício Farthi foi construído. Não há registros oficiais, nem projeto assinado, nem planta protocolada em cartório. Se você procurar nos arquivos da prefeitura, vai encontrar um espaço em branco onde deveria constar a inscrição do lote. É como se o prédio tivesse surgido por conta própria, numa madrugada esquecida, puxado do chão por necessidade — e não por engenheiros.

A primeira parte a ser erguida foi o porão. Um buraco mal escavado, cheio de umidade, onde coisas foram jogadas antes mesmo que existissem paredes. Não havia ideia de alicerce, só o impulso de esconder. Era um lugar sem luz, sem prumo, sem intenção de acesso. Como se o próprio instinto quisesse cavar fundo o suficiente para não ser mais encontrado. Ali foi onde tudo começou. E talvez ainda comece.

Depois veio o térreo, que também não foi pensado — apenas aceito. Um quarto funcional, pequeno, com um banheiro improvisado, um chuveiro que pinga, e uma janela que não abre por completo. Foi nesse espaço que me acomodei. Um espaço que nunca foi realmente meu, mas que aprendi a manter como se fosse. Não sei dizer se me instalei ali por escolha ou por falta de outra opção. Sei apenas que quando dei por mim, já estava zelando por algo que nem sabia o que era.

Os andares superiores foram nascendo aos poucos, cada um empurrado por alguma urgência que eu não quis enfrentar. O 201 surgiu numa época em que comecei a revisar tudo compulsivamente — ideias, decisões, palavras ditas em voz alta. Não conseguia mais terminar nada. Cada final parecia provisório, cada acerto, suspeito. Então o 201 apareceu, sem anúncio, com as trancas reforçadas e as luzes de teto sempre pendendo de um fio só. O 202 veio numa semana em que me vi sozinho com um copo na mão e o som do rádio antigo preenchendo o vazio da sala. Não lembro de ter sentido dor naquela noite, mas me recordo com nitidez de ter sentido ausência. No dia seguinte, o apartamento já estava lá, com a porta entreaberta e o cheiro de bebida doce impregnado nas paredes. O 302 nasceu

numa tarde de domingo, quando encontrei uma carta que nunca enviei. Uma carta escrita com raiva, esperança e falta de timing. Enquanto a lia, o 3º andar se completava com janelas pequenas e uma escrivadinha voltada para dentro, nunca para fora.

Cada apartamento desse prédio surgiu como uma resposta emocional a algo que eu ainda não estava pronto pra encarar de frente. Eles não foram construídos por tijolos e argamassa, mas por camadas de mim mesmo que fui empilhando ao longo dos anos, como quem esconde livros embaixo da cama por medo de lê-los de novo. Há paredes que surgiram onde antes havia passagem. E há portas que nunca deveriam ter sido fechadas, mas foram. Alguns cômodos parecem maiores por dentro do que por fora. Outros minguam conforme o tempo passa. E há cantos onde a luz nunca chega — por mais que eu troque as lâmpadas.

Uma vez, numa tentativa de entender melhor a estrutura, tentei desenhar a planta do prédio. Usei papel manteiga, régua, caneta técnica. Me esforcei para representar cada andar com precisão, marcando janelas, paredes, escadas. Mas o que surgiu no papel não era o Farthi. Era um prédio qualquer. Reto. Morto. Estável. E esse prédio, eu sabia, não era o meu. O meu range à noite, tem azulejos rachados e corredores que mudam de tamanho dependendo do dia. O meu prédio respira.

No corredor do segundo andar há uma infiltração que volta de tempos em tempos, mesmo depois de consertada. Como se o prédio fizesse questão de manter certas marcas. Há um azulejo solto no banheiro do 401 que eu nunca consegui

encaixar de novo. E há uma marca de mão na parede da escadaria — uma mancha de gordura antiga que eu prefiro não apagar. Toda estrutura que tenta esquecer demais acaba ruindo.

Na caixa de luz, há rabiscos. Linhas feitas com lápis, datas incompletas, um símbolo que não sei identificar. Uma vez encontrei um bilhete escondido atrás do disjuntor principal. Estava dobrado em quatro partes, amarelado, mas ainda legível. A letra era minha, mesmo que eu não lembrasse de ter escrito.

“Esse prédio só se sustenta porque você continuou segurando o teto, mesmo quando ninguém te pediu.”

Guardei o bilhete na caixa de ferramentas, junto com os parafusos sobressalentes e a fita isolante. Não porque fosse útil, mas porque certas verdades precisam morar perto do que nos mantém funcionando.

O prédio não tem nome na fachada. Nunca teve. Mas ele me reconhece. E eu reconheço cada passo no assoalho, cada batida de porta, cada silêncio que sobe das paredes.

É por isso que sigo aqui.

Não por escolha.

Mas por... pertencimento.



O 202 O QUE BEBE EM SILÊNCIO

O apartamento 202 tem um tipo específico de silêncio, desses que não se ouve, mas se sente. Ele preenche o ar como um cheiro que ficou preso nos tecidos, impregnado por anos. Não é exatamente sujo, mas está longe de ser fresco. É um silêncio morno, levemente alcoólico, carregado de lembranças que escolheram não se dissolver. Quem mora ali raramente abre a porta por vontade própria, mas também nunca a tranca completamente. Há sempre um fiapo de entrada, como se, mesmo sem pedir companhia, ainda desejasse ser encontrado.

A primeira coisa que se nota ao cruzar a soleira é a temperatura. O 202 é mais frio que os outros andares, mesmo quando faz calor. É um frio de azulejo antigo e sombra de persiana mal ajustada. As paredes são bege-escurecidas, talvez por tempo, talvez por descuido. O chão de taco tem buracos onde já houve móveis. E no canto da sala, quase sempre há um copo — às vezes vazio, às vezes com algo âmbar, às vezes com dois dedos de silêncio líquido.

Outro dia, ao entrar no 202, fui recebido sem palavras. O morador apenas acenou com a cabeça, como quem diz “se for pra falar besteira, pode ir embora”, mas com uma gentileza quase imperceptível nos olhos. Sentei numa poltrona funda, daquelas que já acomodaram muitas visitas e crises. O tecido tinha cheiro de couro e poeira leve. A almofada afundava mais do que o esperado. Havia uma estante à esquerda com livros organizados sem qualquer lógica aparente, entremeados por garrafas de whisky pela metade e envelopes selados que nunca foram enviados. Uma carta com a borda dobrada repousava sobre um disco de vinil, como um marcador de dor.

No fundo do cômodo, um toca-discos girava com uma lentidão quase ritual. A faixa que tocava era um blues arrastado, com uma guitarra que parecia pedir desculpas por ainda existir. O som era levemente distorcido, como se o tempo tivesse riscado o disco em pontos específicos. Ele não disse nada por alguns minutos. Apenas serviu um gole para si, bebeu devagar, e ficou olhando a parede com uma expressão que alternava entre nostalgia e contenção.

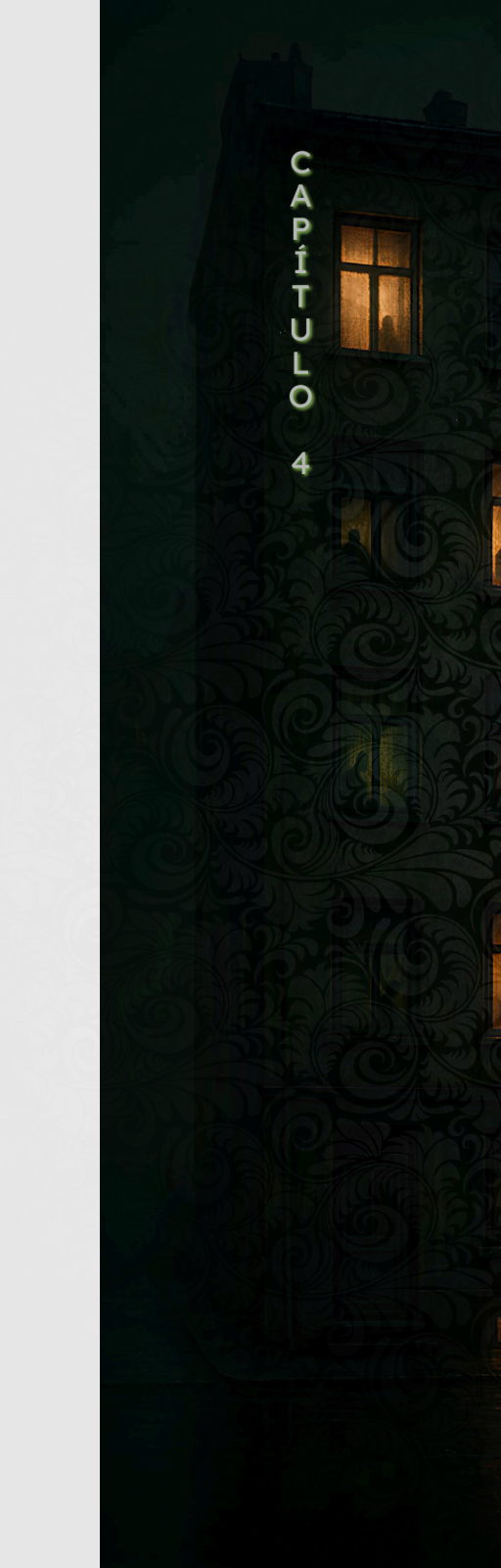
O morador do 202 tem a alma dos que já perderam alguma coisa importante e decidiram que vão continuar, mas sem

pressa. Não é um derrotado. Não é um mártir. Ele apenas bebe. E guarda. E escuta. Não há TV no apartamento, apenas a vitrola e um rádio antigo que, segundo ele, só pega estações que ninguém mais ouve. Perto da janela havia uma mesa com marcas circulares de copos que se repetiam, como um calendário secreto. Sobre ela, repousava uma fotografia virada para baixo. Não perguntei quem era. Ele também não se ofereceu para mostrar.

Quando finalmente falou, sua voz soava como se tivesse passado por muitos filtros: tabaco que nunca foi fumado, promessas não cumpridas, e um cansaço que não pedia alívio, apenas tempo. Disse que mantinha a luz da cozinha acesa por costume. Que às vezes dormia no sofá para evitar o quarto, como quem evita lembrar de algo que só se manifesta debaixo do travesseiro. Comentou que já tentou parar de beber. Não por arrependimento, mas por economia. Mas que logo descobriu que as ressacas lhe doíam menos que as noites sóbrias.

Ofereceu-me um gole. Recusei. Sorriu com os lábios, não com os olhos. Disse que imaginava que eu recusaria. Que zeladores são assim mesmo: não se permitem ficar tontos porque alguém tem que apagar a luz dos outros. Riu sozinho. Depois emudeceu de novo.

Na hora de ir embora, reparei que o chão do corredor, em frente à sua porta, tinha marcas leves de gotejamento. Provavelmente vinho. Ou lágrima. Ou os dois. Quando fechei a porta atrás de mim, a música ficou abafada, mas o peso dela continuou comigo. Carreguei aquele blues por dois andares até o térreo. E, durante a noite, sonhei com a poltrona afundando mais do que devia.



REUNIÃO DE CONDOMÍNIO #1 AVISOS, AUSÊNCIAS E VOZES ALTERADAS

A convocação foi escrita à mão e colada com fita no elevador — que, como sempre, não funcionava direito. A data estava sublinhada duas vezes. O horário era impreciso: “após o entardecer”. E a assinatura era minha, embora eu não lembrasse de tê-la escrito com tanta convicção.

A sala de reuniões do Farthi fica no térreo mesmo, entre o depósito de baldes e o antigo quadro de luz desativado. É um espaço apertado, com cadeiras diferentes umas das outras, uma mesa de fórmica lascada no canto e uma lâmpada pendurada por um fio exposto. Ninguém gosta de descer ali, mas todos sabem que, mais cedo ou mais tarde, vão acabar ouvindo seu nome ecoar naquele lugar.

Cheguei primeiro, como sempre. Arrumei as cadeiras, abri a janela pequena, acendi a luz que pisca em ritmo irregular. Coloquei um bloco de anotações no centro da mesa, mesmo sabendo que ninguém escreveria nada. O 401 apareceu em seguida, com folhas nas mãos e um discurso já pronto. Ele sempre traz planos de reforma, gráficos coloridos, ideias para transformar o prédio em algo que nunca será. Sentou-se como quem ocupa uma tribuna. Antes mesmo de qualquer outro morador chegar, já começou a desenhar mapas no ar com os dedos.

O 202 entrou em silêncio, com o copo já na mão. Encostou-se na parede ao fundo, sem dizer nada. Não puxou cadeira. O cheiro de bebida chegou antes dele. Olhava para o chão como quem já sabia que nada seria resolvido naquela noite. Não era desprezo, era cansaço acumulado.

Logo depois entrou o 301. Sério, contido, com uma postura ereta que denunciava rigidez emocional mais do que educação. Trazia consigo uma caneta e o costume de se responsabilizar por tudo. Abaixou-se para arrumar uma cadeira torta, mesmo sem necessidade, e me perguntou se a água da torneira já tinha sido filtrada.

O 201 não veio. Mandou um bilhete enrolado dentro de um

envelope, dizendo que “preferia esperar a ata” e que “a pauta da reunião não estava clara”. Ninguém respondeu. Todos entenderam.

O 302 apareceu atrasado, com os olhos vermelhos e uma carta na mão. Sentou-se no canto oposto ao 401 e não falou uma única palavra durante toda a reunião. Apenas rabiscou no envelope com a unha.

O 402, para a surpresa de todos, veio. Com óculos escuros, mesmo sendo noite. Trazia no colo um espelho pequeno, trincado, que colocou sobre a mesa sem explicar por quê. Quando alguém tentou encostar, ele afastou com um gesto seco. Não encarava ninguém diretamente, mas ouvia tudo com a atenção de quem espera ser atacado.

O barulho do portão de ferro se fechando marcou o início não oficial da reunião. O 401 pediu a palavra primeiro, como sempre. Começou a falar sobre a necessidade de pintura da fachada, de modernização do elevador, de um novo sistema de interfone. Falou com entusiasmo e certa arrogância, como se estivesse discursando para uma plateia inexistente. O 301 concordava com acenos sutis. O 202 girava o copo, observando o reflexo da lâmpada na bebida. O 302 desenhava círculos no envelope. O 402 permaneceu imóvel.

Quando o 401 propôs substituir as portas antigas por modelos padronizados, o 202 interrompeu com uma risada baixa. Não de deboche — de incredulidade. Disse, sem olhar para ninguém, que se fosse pra padronizar tudo, era melhor colocar um letreiro na entrada escrito “Instituição Interna para Eus Irrecuperáveis”. O 401 fingiu que não ouviu. O 402 sorriu de canto.

O clima começou a pesar quando o assunto chegou ao porão. Alguém — não sei quem — mencionou o cheiro estranho vindo das escadas de serviço. O 301 tentou relativizar, dizendo que talvez fosse encanamento. O 302 murmurou que certos cheiros não vêm de canos. E o 202, num tom quase gentil, sugeriu que talvez fosse hora de descer lá e ver com os próprios olhos. O 402 apertou o espelho contra o peito como se algo estivesse prestes a quebrar — e não era só vidro.

A discussão esquentou de vez quando o 401 sugeriu expulsar o morador do porão, caso fosse encontrado algo "inaceitável" lá embaixo. O 302 levantou os olhos pela primeira vez. Disse com a voz firme que o porão não era ocupação — era origem. E que, se alguém ali tivesse coragem de expulsar o que estava no fundo, que fosse o primeiro a descer com a luz apagada.

O silêncio que se seguiu foi denso. O tipo de silêncio que ninguém preenche. O tipo de silêncio que pesa no peito por dias.

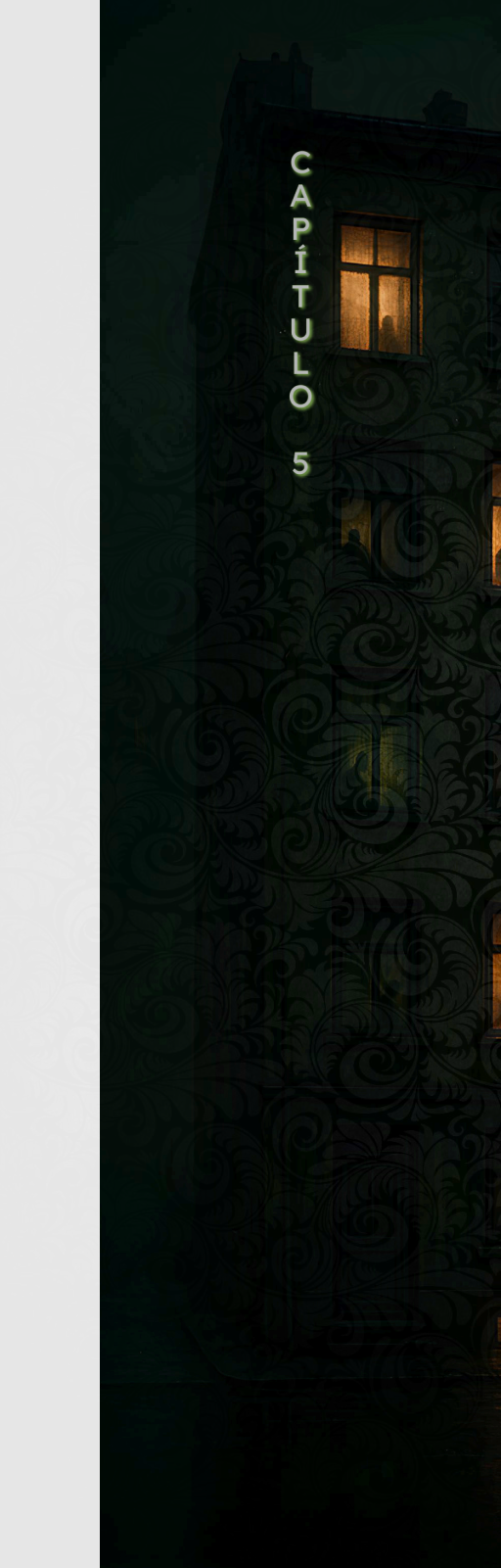
Decidi encerrar ali. Anotei uma ata fictícia, com tópicos que não seriam lidos. Os moradores foram saindo um a um. O 301 apagou a luz da sala antes de subir. O 401 ainda gesticulava sozinho no corredor. O 202 deixou o copo sobre a mesa. O 302 levou a carta de volta pro bolso. O 402... desapareceu. Não o vi sair.

Fiquei ali mais alguns minutos. Recolhi os papéis, fechei a janela. O espelho do 402 ainda estava sobre a mesa. Olhei meu reflexo nele — distorcido, quebrado, indecifrável. E tive a estranha sensação de que, naquela noite, o prédio

todo havia escutado a reunião. Cada parede, cada tijolo,
cada fresta.

O Farthi está acordado.

E ele ouviu tudo.



O 302 O QUE ESCREVE CARTAS E NUNCA ENVIA

O 302 tem uma luz amarelada, como se todas as lâmpadas tivessem sido trocadas há décadas e nunca mais pensadas. A cortina é grossa demais para a janela pequena, o que deixa o ambiente num estado permanente de entardecer — um crepúsculo estático, de dentro pra fora. É difícil dizer se o morador gosta disso ou apenas se acostumou.

A porta está sempre encostada, nunca trancada. Mas entrar sem ser chamado não é da índole de ninguém no Farthi. Há algo ali que lembra um quarto de doente — não pela higiene, mas pela fragilidade do que está sendo cuidado. O chão é de madeira gasta, arranhado nas bordas da cama. Há livros empilhados sem lógica, envelopes fechados enfileirados na estante, e uma pilha de papéis no chão, como se o vento tivesse passado e feito questão de deixar uma bagunça cuidadosamente desorganizada.

Ele escreve. O tempo todo. Escreve em folhas soltas, em cadernos espiralados, no verso de contas pagas e na contracapa de livros que talvez nunca tenha terminado. Escreve com caneta azul, preta, vermelha, e às vezes com lápis, como se quisesse permitir a si mesmo a chance de apagar. Não é escritor. Não se apresenta assim. Mas escreve como quem sangra. E como quem precisa estancar algo que não tem mais onde vazar.

O som predominante no 302 é o do grafite riscando o papel. Um ruído seco, rápido, sincopado. Às vezes vem acompanhado de murmúrios, como se ele estivesse ditando para si mesmo as palavras que não têm coragem de dizer em voz alta. Outras vezes, apenas o silêncio — aquele silêncio específico de quem está relendo o que escreveu, decidindo se vai queimar, guardar ou engavetar de novo.

Na primeira vez que entrei, ele não me viu. Estava de costas, diante da mesa, com a camisa amarrotada e uma xícara fria pela metade. A mão esquerda segurava o papel com a firmeza de quem agarra uma lembrança. A direita escrevia com raiva. O texto parecia vir de um lugar que ele não controlava. Demorei a tossir. Quando o fiz, ele virou-se

lentamente, sem susto, como se já esperasse por mim em algum ponto da vida.

Apontou uma cadeira com o queixo. Sentei sem perguntar. Não havia espaço para conversa naquele momento. Havia, sim, um peso no ar. Uma densidade feita de palavras não ditas, nomes não mencionados, datas que voltam sem serem convidadas. O 302 é um apartamento saturado de saudade e expectativa. Tudo ali é início de alguma coisa que nunca chegou a acontecer. Um rascunho da vida que ele quis viver com alguém — e não conseguiu.

Ele nunca menciona nomes. Mas fala em “ela” com frequência. E cada vez que diz “ela”, há uma mudança sutil no timbre. Às vezes é ternura. Outras, mágoa crua. E, em certos momentos, apenas um cansaço resignado. Como se amar tivesse sido um trabalho em tempo integral sem salário, sem férias, sem retorno.

Mostrou-me uma caixa de papelão com fitas amarradas. Disse que ali estavam todas as cartas que escreveu e nunca enviou. Algumas datadas com dia, mês e hora. Outras com palavras riscadas, como se tivesse se censurado depois de escrever. Ofereceu-me uma para ler. Recusei. Preferi respeitar aquele altar de papel. Entendi, sem que ele dissesse, que aquilo tudo não era pra ser lido. Era pra ser escrito.

Fiquei ali por quase uma hora, apenas escutando o som do lápis no papel áspero. Ao sair, ele me acompanhou até a porta. Disse que andava sonhando com as cartas voltando pra ele — todas abertas, todas lidas, todas rasgadas.

Antes de fechar a porta, me perguntou se eu tinha alguém

pra quem ainda escreveria, caso pudesse. Respondi que não sabia. Ele sorriu e disse, com um tom de ironia que soava mais como consolo:

“Então guarda papel suficiente. Uma hora vai saber.”

Desci as escadas em silêncio, segurando o corrimão com força. O 302 não é um lugar para visita curta. É um cômodo que segue com você, mesmo depois da porta fechada.

E, naquela noite, dormi com vontade de escrever uma carta que nunca pensei em escrever.



O ELEVADOR (QUANDO FUNCIONA)

O elevador do Farthi não é confiável.

Dizem que foi instalado depois da construção do prédio, como um improviso tardio, um luxo desnecessário. É pequeno, claustrofóbico, com portas que se arrastam como se estivessem arranhando a garganta do prédio toda vez que abrem. O painel interno pisca com números incertos. O botão do terceiro andar só acende se for pressionado com o dedo molhado. O do quinto nunca apaga. Mas às vezes sobe.

Eu raramente uso. Prefiro as escadas. As escadas me dão tempo, dão chão. No elevador, sou obrigado a escutar coisas que ninguém diz em voz alta. Sons abafados de outros andares, zumbidos que não vêm de nenhum lugar visível, sussurros que parecem gravados entre as frestas da porta.

Ainda assim, naquela tarde, entrei. Por cansaço, por curiosidade ou por alguma vontade de me arriscar no imprevisível. Carregava a chave de fenda no bolso e uma pasta de papéis que nem me lembro de onde tirei. Pressionei o botão do segundo, mas ele me levou direto pro quarto.

No reflexo do espelho rachado dentro da cabine, vi meu rosto enviesado. Não por causa do espelho, mas porque eu mesmo já não sou uma superfície reta. Fiquei ali encarando minha imagem enquanto o elevador rangia, subindo aos soluços. Pensei que talvez fosse esse o problema com a maioria dos moradores: não querem subir, mas também têm medo de descer.

No andar três e meio, o elevador parou. A luz piscou três vezes. Escutei uma risada abafada. Soava como o 402 — ou como uma lembrança antiga do 402. O tipo de riso que vem quando ninguém mais está olhando. Esperei. Nada aconteceu. A porta não abriu. O ar ficou mais espesso. Pressionei todos os botões ao mesmo tempo. O painel apagou. Depois acendeu de novo, marcando o “T”, como se eu tivesse apertado aquilo — mas não apertei.

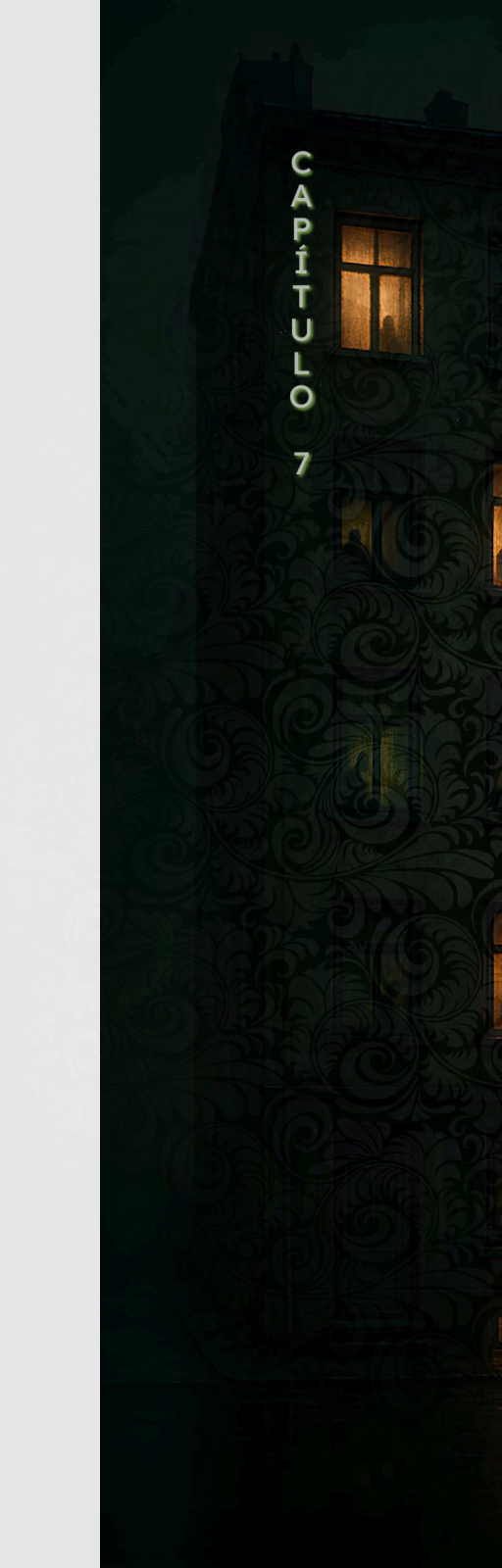
Voltei ao térreo dez minutos depois, suando nas costas, com a pasta amassada e a sensação de ter atravessado um corredor entre o que fui e o que ainda vou lembrar.

O elevador abriu as portas com violência. E ali, parado no térreo, como se estivesse me esperando, o morador do 301 estava com uma sacola nas mãos. Me entregou sem dizer nada. Dentro, havia uma lâmpada nova e uma fita adesiva com meu nome escrito em marcador grosso.

— Achei que fosse precisar — disse ele, e subiu sem esperar resposta.

Voltei ao meu quartinho com a sensação de que aquele elevador não leva apenas entre andares. Ele leva entre versões. Entre tempos. Entre memórias.

É um atalho torto dentro do prédio. E dentro de mim.



O 301 O QUE TENTOU SER FORTE POR TODOS

O apartamento 301 é organizado. Até demais. Tudo tem seu lugar, e se você mover um porta-retratos dois centímetros para o lado, ele vai perceber. Não porque seja obsessivo, mas porque ali dentro, a ordem é um mecanismo de defesa. Cada objeto está onde está para que ele não precise lembrar do que está fora do lugar dentro de si.

O chão brilha, a pia nunca tem louça, as janelas sempre limpas. Mas a cama... a cama quase nunca é usada. Dorme pouco, esse morador. Talvez porque descansar seria admitir que pode parar. E parar, no universo dele, é perigoso. É como soltar a corda de um mastro velho: tudo pode ruir.

Ele tem aquela postura de quem aprendeu cedo demais a cuidar dos outros. Ombros ligeiramente tensos, olhar que percorre a sala como quem monitora riscos invisíveis. É o tipo de pessoa que pergunta se você quer café mesmo quando está desmoronando por dentro. E faz o café. Forte. Sem açúcar. O açúcar é pra depois, ele diria. Quando der.

No 301 há fotos, mas quase todas viradas para a parede. Ele diz que é pra evitar o desbotamento, mas é mentira. Ele sabe. E eu sei. As imagens carregam rostos que ele tentou proteger com o próprio corpo — e falhou. Ou pelo menos, assim ele sente.

Há várias cadeiras espalhadas. Todas em pares. Como se ele estivesse sempre esperando por alguém que nunca chega. Cadeiras de jantar, cadeira na varanda, duas no quarto, até uma no corredor — com almofadas novas, que ele troca a cada estação. Nenhuma é usada. Ou melhor: ele se senta nelas de vez em quando, mas sempre por pouco tempo. O suficiente para simular presença.

A primeira vez que entrei ali, fui recebido com um sorriso. Não um sorriso de alegria, mas daqueles treinados para não alarmar ninguém. Como quem diz: “está tudo sob controle”, mesmo quando não está. A chaleira já estava no fogo, como se ele soubesse que eu viria. Ou como se fizesse café todo fim de tarde, por via das dúvidas.

Ele falou pouco. Fez perguntas sobre os outros moradores. Sobre a lâmpada do corredor. Sobre a infiltração no teto do quarto 401. Sobre o barulho do elevador. Eu respondia com vagos “vou ver isso”, “já estou resolvendo”, “depois dou uma olhada”. E ele acenava como quem entende. Nunca cobra. Ele não aprendeu a cobrar. Aprendeu a resolver.

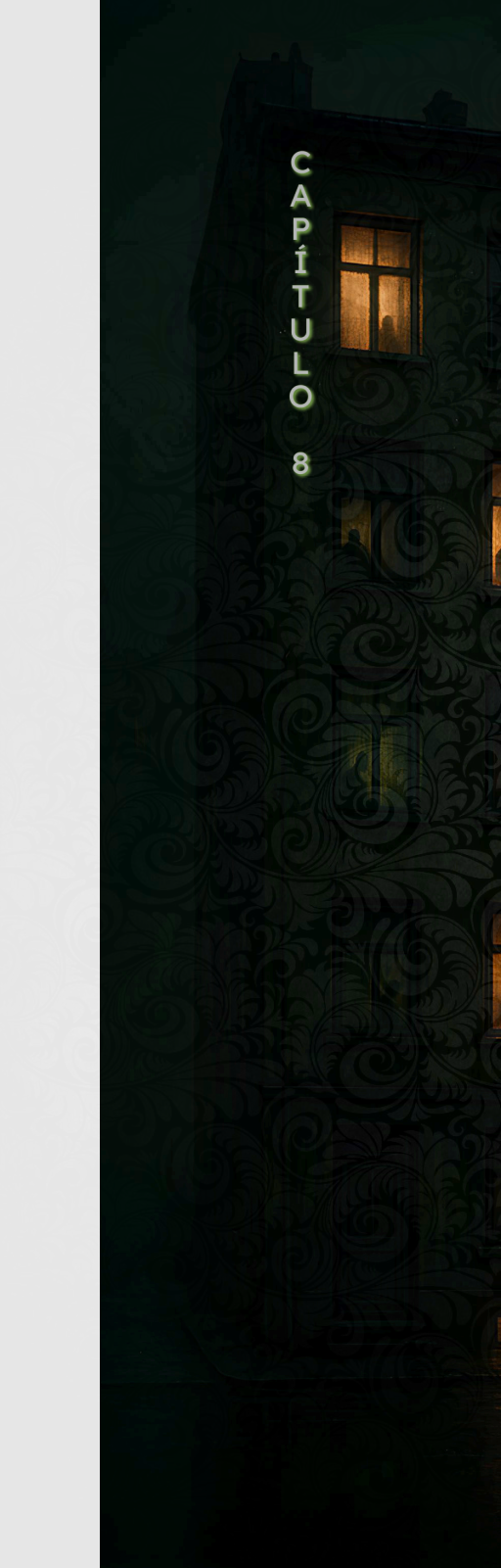
Enquanto tomávamos o café — forte demais, como imaginei —, ele comentou que andava sonhando com escadas. Escadas infinitas. Sempre subindo, nunca alcançando o último andar. Disse que acordava cansado, com dor nos joelhos. Ri disso, meio sem graça. Depois me perguntou se havia algum tipo de reunião marcada — como se não tivesse estado na última, como se estivesse testando o que eu lembrava. Respondi que por enquanto, não. E ele assentiu com os olhos, como quem anota mentalmente mais uma coisa pra se preocupar depois.

O apartamento é silencioso, mas não vazio. O silêncio ali tem som de contenção. Como uma represa à beira de romper. Ele vive represando. Emoções, lembranças, desejos, raiva. Tudo dentro. Tudo controlado. Tudo escondido atrás da organização impecável do 301.

Antes de sair, notei um papel na geladeira, preso com um ímã em forma de morcego. Era uma lista de tarefas. “Trocar filtro”, “verificar válvula da caixa d’água”, “ligar pra mãe”, “lembrar do aniversário da Júlia”. Nenhuma das tarefas estava marcada como feita. Perguntei quem era Júlia. Ele disse que era só uma lembrança.

Quando deixei o 301 e comecei a descer as escadas, algo em mim insistia na sensação de que ele choraria assim que a

porta se fechasse. Não em voz alta, não em prantos — mas daquele jeito que só se aprende depois de muito tempo tentando ser forte por todos. Um choro silencioso, contido, quase invisível, como quem derrama para dentro. Talvez nem isso. Talvez ele nem saiba mais como. Se um dia acontecer, será sozinho, virado para o canto, sentado em uma das muitas cadeiras que ele espalhou pelo apartamento como se estivesse sempre à espera de alguém que nunca chega. E ali, com os olhos fixos no nada, talvez chore em silêncio, do mesmo modo que respira: como quem tenta, sem alarde, manter o mundo inteiro de pé.



O 401 O VISIONÁRIO QUE NINGUÉM LEVA A SÉRIO

O 401 é o único apartamento do prédio onde ainda se ouve o som de ideias nascendo.

Não é barulho. É vibração. Um zumbido constante, como se alguma coisa estivesse sendo construída ali dentro, mesmo quando tudo parece parado.

O corredor antes da porta já entrega o clima: rabiscos nas paredes, recortes de revistas colados com fita crepe, mapas feitos à mão com linhas que não levam a lugar algum — ou talvez levem, mas não neste tempo. A maçaneta está sempre um pouco solta, como se tivesse sido girada com pressa muitas vezes. E a porta... quase nunca está trancada. Como se ele acreditasse que quem entra ali só pode estar buscando alguma coisa boa.

Por dentro, o apartamento parece um laboratório de sonhos inacabados. Há livros empilhados por temas impossíveis de catalogar — design, astronomia, urbanismo, filosofia, ficção científica e psicologia do comportamento. Todos abertos em páginas marcadas com cliques, canetas, talheres ou pedaços de papelão. Uma prancheta no chão, um computador antigo ligado a uma tela de tubo, e três quadros brancos com palavras escritas em várias direções. Nada é decorativo. Tudo está em uso constante.

Ele fala rápido. Mas com clareza. Quando começa, parece que os pensamentos vêm em blocos grandes demais para caber na boca. Então atropela as palavras tentando dar conta da velocidade do que sente. E quando percebe que ninguém mais acompanha, ri sozinho e volta pra prancheta. Ele já se acostumou com o atraso do mundo.

É difícil saber o que ele faz exatamente. Às vezes parece arquiteto, às vezes inventor, às vezes poeta. Outras vezes apenas alguém que nunca soube ser uma coisa só. Já o vi anotar ideias em guardanapos, em folhas avulsas, em pedaços de fita adesiva colados no vidro da janela. Diz que se não anotar na hora, a ideia vai embora. E não confia na memória. Ela trai, segundo ele. Já os rabiscos... não.

Certa vez, ao entrar no apartamento, tropecei em um carrinho de controle remoto que tinha sido modificado para carregar um copo de café até a mesa. Ele achou graça, pediu desculpas, e me ofereceu um assento feito com livros de lombadas largas empilhados até a altura de uma cadeira. Aceitei. Era surpreendentemente confortável. O chão do apartamento é de cimento queimado, mas coberto por tapetes coloridos que não combinam entre si. Segundo ele, isso ajuda o pensamento a não entrar em loop.

Na parede ao lado da janela há um projeto preso com fita isolante: uma planta do prédio inteiro, com riscos coloridos apontando para possíveis reformas que “melhorariam a vibração do edifício como organismo simbiótico”. Tive vontade de rir, mas não ri. No fundo, me parecia plausível. Quase tudo que ele diz parece plausível por alguns segundos. Depois vem o julgamento automático. O mesmo que os outros moradores aplicam a ele: "Sonhador demais." "Desconectado." "Não dá pra levar a sério."

Ele mesmo sabe disso. Sabe que ninguém desce ao térreo comentando o que viu no 401. Sabe que, nas reuniões, escutam suas propostas como se fosse entretenimento. Mas segue falando, criando, inventando modos de consertar o prédio — e talvez o mundo — mesmo que ninguém ouça de verdade. Ele diz que ideias não precisam ser aceitas. Basta que existam.

Perguntei uma vez se não cansa não ser ouvido.

Ele respondeu sem hesitar:

— Porque se eu parar de tentar, ninguém mais aqui vai lembrar que há algo além dessas paredes.

Antes de ir, ele me acompanhou até a porta e estendeu um papel amassado com um desenho inacabado de uma escada em espiral que levava até um terraço suspenso. Disse que era o rascunho de um projeto antigo, mas que ainda pensava em retomar quando tivesse tempo — ou coragem.

Fiquei com o papel na mão, sem saber se era um presente ou só mais uma coisa para segurar.

Ele piscou devagar, como quem não tem pressa para ser levado a sério.

Então apontou o dedo para cima, como quem confia em um atalho secreto, e disse com a voz baixa, quase conspiratória:

— Hoje o céu tá limpo. Vai lá ver. Elas estão menos arrogantes quando ninguém espera nada delas.

Fechou a porta antes que eu respondesse. E na porta havia uma anotação que eu não havia notado quando cheguei.

“Sonhar é o único tipo de reforma que não precisa de autorização do condomínio.”

O corredor estava silencioso. E o prédio, por um momento, pareceu respirar devagar, como se deixasse espaço para alguma coisa acontecer. Guardei o desenho dobrado no bolso do uniforme e olhei para a escada que levava ao telhado. Pela primeira vez em dias, considereirei subir até o telhado. Não pra consertar a calha.

Mas só pra olhar as estrelas.



HISTÓRIAS DAS PAREDES

A maior parte do prédio
não fala.
Mas observa.
E guarda.

As paredes do Farthi não
são lisas, por mais que
tenham tentado cobri-las
com camadas de tinta
bege ao longo dos anos.
Há histórias ali,
escondidas sob rebocos
mal feitos e demãos
apressadas. Basta olhar
com atenção para notar
as marcas. Algumas são
visíveis: riscos de móveis
antigos, pregos tortos
onde já houve quadros,
manchas de umidade que
não se rendem nem com
verniz. Outras exigem
mais tempo — e silêncio.

Há uma rachadura no final do corredor do segundo andar que parece seguir uma lógica própria, como se alguém tivesse desenhado uma linha de fuga para algo que não soube dizer em voz alta. No térreo, do lado esquerdo do hall, existe uma sombra retangular — sinal de um espelho que foi retirado há anos. Ninguém lembra quem o colocou ali. Ou quem tirou. Mas, quando a luz do final da tarde bate no ângulo certo, o contorno aparece como uma lembrança do que refletia.

Um dia, enquanto verificava uma infiltração antiga no rodapé do 401, descobri algo escrito atrás da tomada solta. Era uma frase rabiscada a lápis, com letra trêmula:

“Não estou aguentando mais sorrir.”

Era velha. Frágil. O grafite já quase desaparecendo. Não contei a ninguém. Apenas parafusei a tampa de volta e anotei num caderno o que vi.

Ainda leio aquela frase às vezes. Como se fosse minha.

No terceiro andar, perto da porta do 302, há marcas na parede que parecem arranhões. Alguém uma vez disse que era só o encosto da mochila batendo toda vez que ele saía. Mas os riscos não têm altura nem padrão para isso. Nunca toquei neles diretamente. Sinto que não devo.

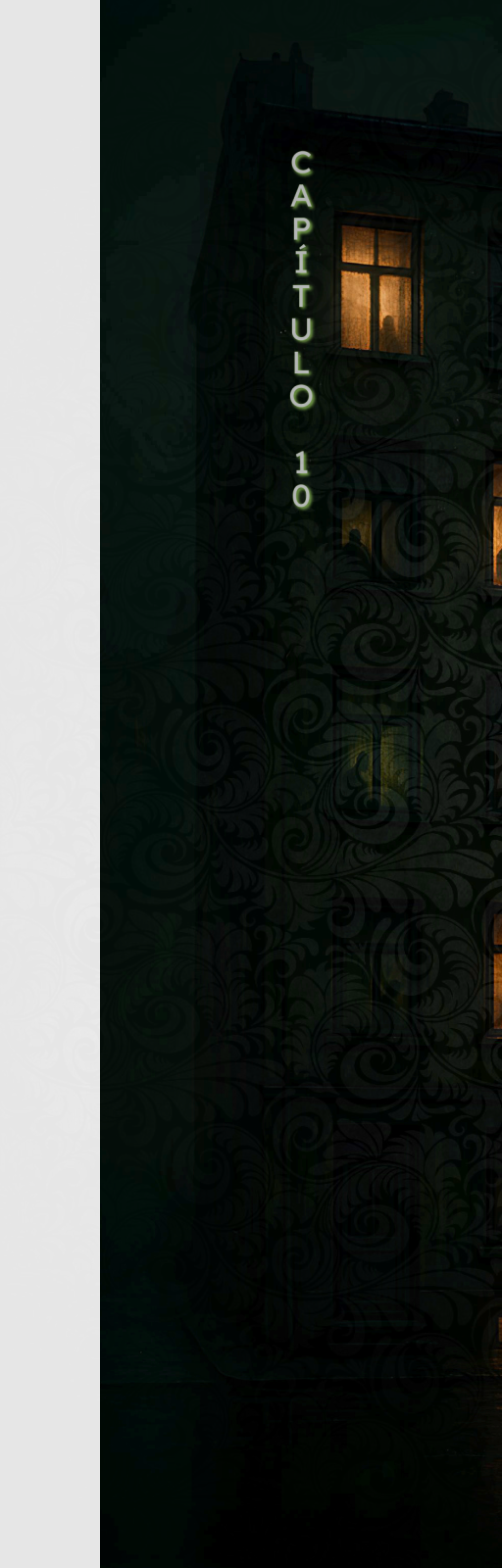
Nas escadas entre o quarto e o quinto andar, alguém escreveu um nome com tinta preta, mas tentou apagar em seguida. O solvente falhou. Hoje, vê-se apenas a sombra das letras: “Ela.” Nenhum sobrenome. Nenhum verbo. Só isso. Como se bastasse.

Mas talvez a mais curiosa de todas as marcas esteja no subsolo, onde ficam os registros antigos de água. Em uma noite de manutenção, encontrei uma parte da parede traseira parcialmente oca. Bati com os nós dos dedos e ouvi o som diferente. Raspei com uma espátula velha, e aos poucos, uma escrita emergiu. Pequena, feita com uma ponta fina, quase como escrita de diário. Eram datas. Muitas. Não sequenciais. Algumas riscadas. E ao lado de cada uma, palavras como “desistir”, “voltar”, “ficar”, “quase”. Ao final da lista, uma seta pra cima. Só isso. Como um lembrete mudo de que ainda havia andar acima.

Essas histórias não pedem palco. Não têm narrador. Elas apenas estão. Como cicatrizes que o corpo do prédio resolveu não esconder. E eu, como zelador, não posso restaurar. Seria um desrespeito.

Há um poder estranho em habitar um lugar onde a memória está nos cantos, não nos livros. O Farthi não precisa de arquivos. Ele tem suas paredes.

E elas não esquecem. Mesmo quando a gente tenta.



O 201 O PERFECCIONISTA CRIATIVO

O 201 é o apartamento mais quieto do prédio — mas não porque está vazio. Pelo contrário. Lá dentro, há ideias demais para caber no silêncio. Por isso, o silêncio vira estratégia: serve para conter. Amortecer. Calar o barulho das dúvidas que se multiplicam feito mofo nas bordas da consciência.

A primeira impressão ao entrar é de organização. Mas dura pouco. Não é ordem verdadeira. É uma tentativa de controle. O ambiente é arrumado com ansiedade: livros empilhados por cor, simetria exagerada nos quadros, cabos de computador enrolados com velcro, rótulos nos potes de tempero mesmo que ninguém cozinhe. Um tipo de beleza quase sufocante, como se qualquer objeto fora do lugar pudesse provocar uma crise.

A escrivadinha, no entanto, entrega o jogo. Ela é um campo de batalha. Rascunhos riscados, canetas sem tampa, três blocos de anotações diferentes com títulos parecidos: “projeto bom”, “projeto melhorado”, “projeto possível”. Na tela do computador, há sempre três janelas abertas: uma com referências visuais, outra com um texto inacabado e a terceira com um vídeo de alguém ensinando a fazer melhor o que ele já sabe fazer.

Ele cria. O tempo todo. Mas nunca termina. Há quadros não pendurados, textos não enviados, ideias que já perderam o prazo de validade. Não é desinteresse, é medo de não estarem prontos. Porque se algo pode ser melhorado, então ainda não está bom o suficiente. E se não está bom o suficiente, não pode ir pro mundo. Simples e brutal assim.

A primeira vez que entrei, ele me pediu desculpas. Pela bagunça que não existia, pelo café que não havia feito, por não ter conseguido terminar algo que nem era pra mim. Sorri. Disse que estava tudo bem. Ele não acreditou. Revirou os olhos discretamente, como quem diz “sei que não está”. Me ofereceu uma cadeira com uma almofada cuidadosamente dobrada. Era confortável, mas o desconforto estava no ar.

Enquanto mexia em um projeto no notebook, começou a me explicar o conceito por trás daquilo. As camadas, os porquês, as intenções. Era brilhante. E legítimo. Mas, no meio da frase, parou. Fechou o laptop. Disse que estava ficando piegas. Que precisava repensar tudo. Que talvez fosse melhor jogar fora e começar de novo.

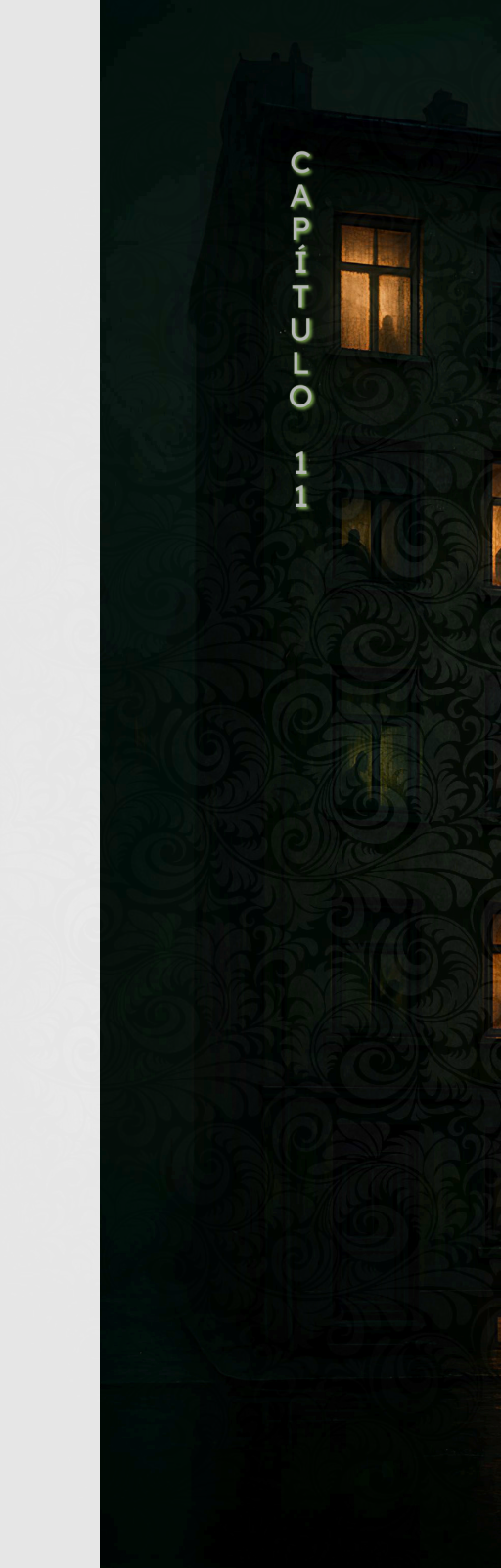
Há um mural de inspirações colado na parede, com recortes de revistas, fotos de lugares que ele nunca visitou e frases escritas à mão. A que mais me chamou atenção estava em destaque, centralizada, cercada por alfinetes coloridos. Dizia:

“Entregar é aceitar que nunca será perfeito. Mas não entregar é aceitar que nunca será real.”

Perguntei se era dele. Ele hesitou. Depois disse que sim, mas que ainda estava editando a frase. Não gostava do ritmo da segunda parte.

Enquanto me despedia, ele comentou que andava pensando em apagar tudo e começar de novo. O site, o portfólio, os textos. Disse que “sentia que estava tudo com cara de rascunho”. Tive vontade de dizer que a vida inteira tem cara de rascunho. Mas achei que soaria banal. Ou talvez ele revisasse minha frase mentalmente enquanto eu falava.

E, no fundo, talvez eu soubesse que ele estava certo em fazer isso.



REUNIÃO DE CONDOMÍNIO #2 O ESPELHO DO PORÃO

Diferente da primeira, a segunda reunião de condomínio não foi convocada com cartaz nem com bilhete dobrado sob a porta. Não houve aviso no elevador — que, aliás, voltou a falhar naquele dia — nem lembrete informal pelo interfone. Foi um chamado silencioso, quase orgânico, disparado por uma soma de pequenos incômodos que começaram a se espalhar pelos andares feito mofo em canto úmido.

O cheiro vindo do subsolo havia mudado de acento. Já não era apenas umidade ou gordura antiga acumulada nos canos. Era algo mais denso, mais adocicado, como se o prédio tivesse começado a exalar memórias que não queria mais guardar.

O primeiro a comentar foi o 301, em tom neutro, como quem tenta racionalizar o desconforto. Em seguida, o 302 deixou escapar que ouvira barulhos durante a madrugada, não metálicos como encanamentos, mas abafados, arrastados, do tipo que se escutaria debaixo de um assoalho antigo. O 202, que raramente se manifestava sobre qualquer coisa fora de seu apartamento, disse, com um olhar perdido, que sentira um frio estranho vindo da porta do porão. Segundo ele, era como se o chão chamasse por alguém — e que, dessa vez, talvez não fosse por ele.

Decidi, então, apenas abrir a sala de reuniões, deixar a porta escancarada e esperar. Ninguém me perguntou nada. Eles vieram por conta própria.

O 201 chegou primeiro, com um caderno de capa preta e uma lista de pontos anotados em letra pequena e inclinada, como se estivesse se preparando para uma apresentação que ninguém solicitou. O 301 veio logo atrás, carregando consigo dois pacotes de copos descartáveis e um pote de café solúvel ainda lacrado, como se a praticidade fosse suficiente para sustentar a tensão do encontro. O 202 entrou alguns minutos depois, mais calado que o habitual, sem o copo de sempre, com os ombros levemente curvados, e uma expressão de quem gostaria de estar em outro lugar, em outro corpo, em outra vida. O 401 apareceu em seguida, trazendo debaixo do braço uma nova planta do

prédio, redesenhada à mão com o acréscimo de um nível abaixo do porão — um andar inexistente, que ele insistia chamar de “base energética estrutural do edifício simbólico”. Ninguém contestou, nem levou a sério. Mas todos olharam para o desenho por tempo demais.

O 302 foi o único que não trouxe nada. Sentou-se em silêncio e passou a maior parte da reunião observando o reflexo da lâmpada tremeluzente no tampo da mesa. Já o 402 chegou por último, quase no fim da conversa inicial, segurando o mesmo espelho trincado da reunião anterior, agora envolto num tecido escuro de linho grosso, com um nó bem feito e discreto, como se estivesse transportando uma coisa viva — e instável.

O clima entre eles era diferente da última reunião. A energia era mais contida, mas também mais densa. Não havia pressa, nem pressentimento explícito. Havia peso. E ausência de ironia. Cada gesto parecia milimetricamente calculado para não provocar rupturas. Ninguém falava alto. Ninguém ria. O 401 chegou a abrir a boca para sugerir uma nova proposta de pintura para o corredor do quarto andar, mas se deteve no meio da frase, como se tivesse esquecido o motivo pelo qual aquilo era importante. O 201, em vez de argumentar, apenas anotou em seu caderno, com o cuidado de quem registra um vestígio, não uma ideia.

A discussão sobre o porão começou quando o 301 mencionou, de maneira quase burocrática, que os registros de manutenção estavam inconsistentes. As últimas duas assinaturas pareciam idênticas, embora tivessem datas diferentes. A assinatura era ilegível. Os horários não coincidiam com nenhum turno conhecido. O 302 soltou

um comentário seco, quase inaudível, dizendo que o porão não exigia assinatura — ele apenas reconhecia quem descia. O 202, sem levantar a cabeça, falou de forma contida que, certa vez, tentara descer para buscar uma caixa esquecida e, ao olhar para o vidro escuro da porta de acesso, enxergou seu próprio reflexo com um rosto que não era o seu. Disse isso sem ênfase, sem dramatização, como quem apenas relata algo incômodo e já esperado. Ninguém duvidou.

O 402 depositou o espelho sobre a mesa, ainda embrulhado, e com um tom que beirava a contenção emocional, confessou que havia começado a ver imagens no vidro que não se moviam com ele. Disse que já não sabia se aquele objeto era dele ou se havia aparecido ali por acidente, mas que, de alguma forma, o espelho agora mostrava coisas que ele não lembrava de ter vivido. O pano permaneceu cobrindo o objeto. Nenhum dos presentes demonstrou curiosidade em removê-lo.

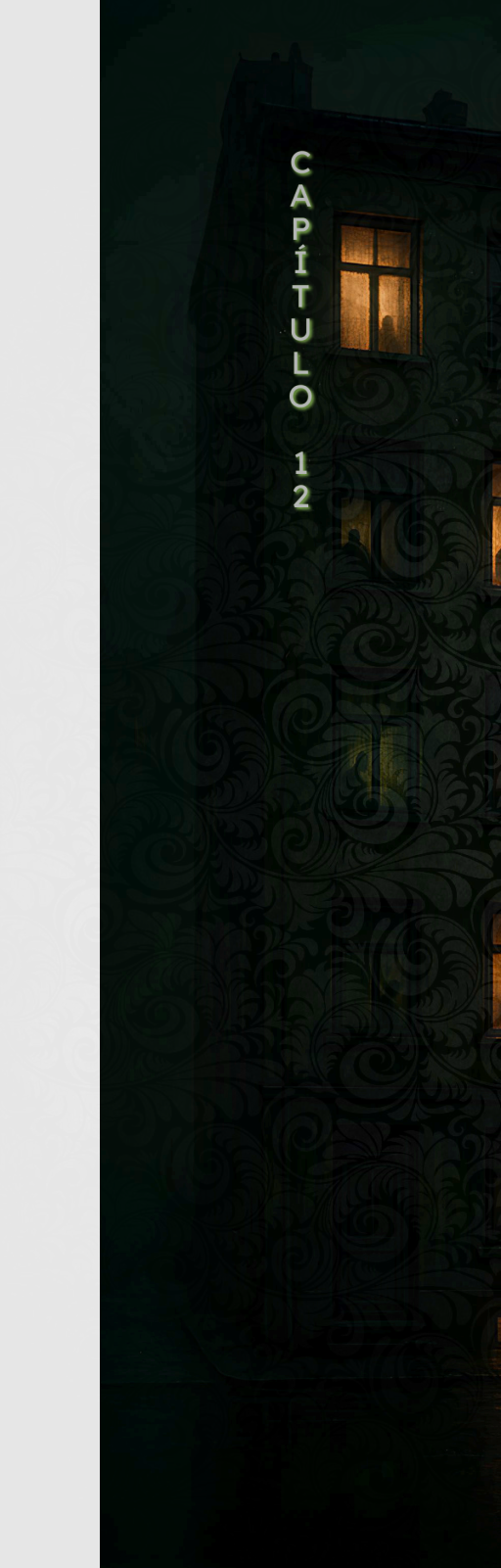
Foi o 401 quem sugeriu uma expedição ao porão — não agora, mas em algum momento.. Propôs que descessem em grupo, com lanternas, corda e um gravador. O 201 anotou tudo com rigor, criando um plano de ação que seria, como sempre, ignorado. O 302 disse que se alguém quisesse descer de verdade, teria que ir sozinho, e de olhos fechados. O 202 levantou-se sem cerimônia e saiu da sala sem dar justificativas.

O espelho ficou sobre a mesa, como um animal adormecido. Quando todos foram embora, desliguei a luz e permaneci ali por alguns segundos. A sala estava escura, mas ainda quente. Olhei para o embrulho sobre a madeira e, por um impulso que não sei nomear, desfiz o nó do

tecido só o suficiente para abrir um canto e ver o reflexo.

O reflexo não devolveu meu rosto. Em vez disso, revelou o interior do prédio como se os corredores tivessem ganhado olhos — não posicionados como câmeras, mas como presenças. Havia uma espécie de pulsação discreta ali, um movimento interno quase orgânico, como se o próprio Farthi respirasse por dentro das paredes, expandindo e contraindo lentamente, num compasso que não obedecia ao tempo comum. Aquilo não era só arquitetura. Era carne fria, viva, instável.

Recoloquei o tecido sobre o espelho com a delicadeza de quem cobre algo que não deveria ter sido visto. Fechei a porta da sala sem barulho, ajustando a maçaneta como se não quisesse acordar o que permanecia lá dentro. E enquanto caminhava em direção ao meu quarto, senti — mais do que vi ou ouvi — a impressão nítida de que algo continuava me observando, mesmo sem olhos, mesmo sem nome.



O 402 O QUE QUÊBROU O ESPELHO

O apartamento 402 é o mais silencioso do prédio. Mas não é aquele silêncio natural de espaços onde se vive pouco. É um silêncio denso, abafado, como se o ar tivesse sido selado há tempo demais e agora hesitasse em circular. Não se ouve passos. Não se ouve rádio, nem vitrola, nem vozes. O 402 parece suspenso no tempo — e não por esquecimento. Por escolha.

A porta é opaca. A única sem número visível. Já houve uma placa, claro, mas alguém a retirou. O parafuso torto ainda está lá, sozinho, como uma cicatriz deixada por um gesto de apagamento. O olho mágico está tampado por dentro. A fechadura, embora gasta, gira com leve resistência, como se nunca tivesse sido lubrificada por completo. Ele abre a porta com certa demora, e sempre meio pela metade. O suficiente para que se veja apenas uma faixa escura do ambiente interno e o contorno do corpo dele recortado pela penumbra.

Minha primeira visita no 402 foi por insistência indireta. Ele não me convidou, mas também não impediu. Apenas afastou-se e deixou espaço para que eu passasse. Havia algo no gesto que dizia “entre se quiser, mas saiba o que está fazendo”. Entrei. E soube.

O 402 não possui espelhos. Nenhum. Nem no banheiro. Nem escondido em gavetas. O espelho que ele trazia consigo nas reuniões era o único — e já estava trincado. Não por acidente. Por decisão.

O apartamento é escuro. As janelas estão cobertas com tecido preto, pesado, como cortinas improvisadas que nunca foram trocadas. A luz natural não entra ali. A luz elétrica também é mínima. Uma lâmpada no corredor interno pisca, mesmo nova. O interruptor está coberto com fita isolante. Há lâmpadas queimadas em soquetes altos, e uma luminária de pé coberta com uma camiseta velha. Ele diz que a luz o incomoda. Mas o que incomoda mesmo é o que ela revela.

O cheiro do lugar mistura mofo, madeira úmida e alguma

alguma coisa que lembra couro antigo guardado por anos. Não é exatamente ruim, mas é desconcertante. Como cheiro de passado selado a vácuo.

Ele se move pouco. Fala pouco. Quando fala, é sempre olhando para o chão ou para um ponto fora de foco, como quem mede a distância entre o que pensa e o que está disposto a compartilhar. Disse, naquele dia, que já teve espelhos. Vários. Pequenos, grandes, de moldura, de bolso, de banheiro. E que um a um foram sendo cobertos, virados contra a parede, até que ele entendeu que não queria mais se ver. Não suportava mais a dúvida constante entre o que via e o que era.

— Os espelhos mentem — ele disse, mexendo numa pilha de livros com as capas viradas pra baixo. — Ou, pior, mostram verdades que ninguém pediu. E se olham por dentro de você, sem sua permissão.

No chão, perto da cama, havia marcas circulares. Como de móveis que já estiveram ali e foram removidos. Perguntei o que era antes naquele canto. Ele respondeu que ali ficava o espelho maior. Aquele que quebrou. Com as próprias mãos.

— Me cansei de ver alguém que não sei se sou. Ou se fui. Ou se inventei pra aguentar as outras versões que me visitam quando a casa está escura demais.

Não havia ironia no tom. Nem drama. Só exaustão.
Não parecia perigoso.
Parecia diluído.

A única coisa que permanece visível na sala é uma moldura

vazia pendurada na parede, com um prego ligeiramente torto. Dentro dela, só parede.

— Deixei a moldura pra lembrar que um dia eu me olhava — ele explicou. — Mas agora prefiro apenas passar por mim, sem encarar.

Na cozinha, encontrei um copo com a borda rachada, usado como cinzeiro, mesmo que ele não fume. Disse que guarda cinzas de palavras que não disse. Ri, achando que fosse metáfora. Ele não riu de volta.

Quando saí, não precisei que ele me acompanhasse até a porta. Eu já sabia o caminho, mesmo sem tê-lo feito antes. Ao cruzar a soleira, ele disse algo que ficou ecoando por dias:

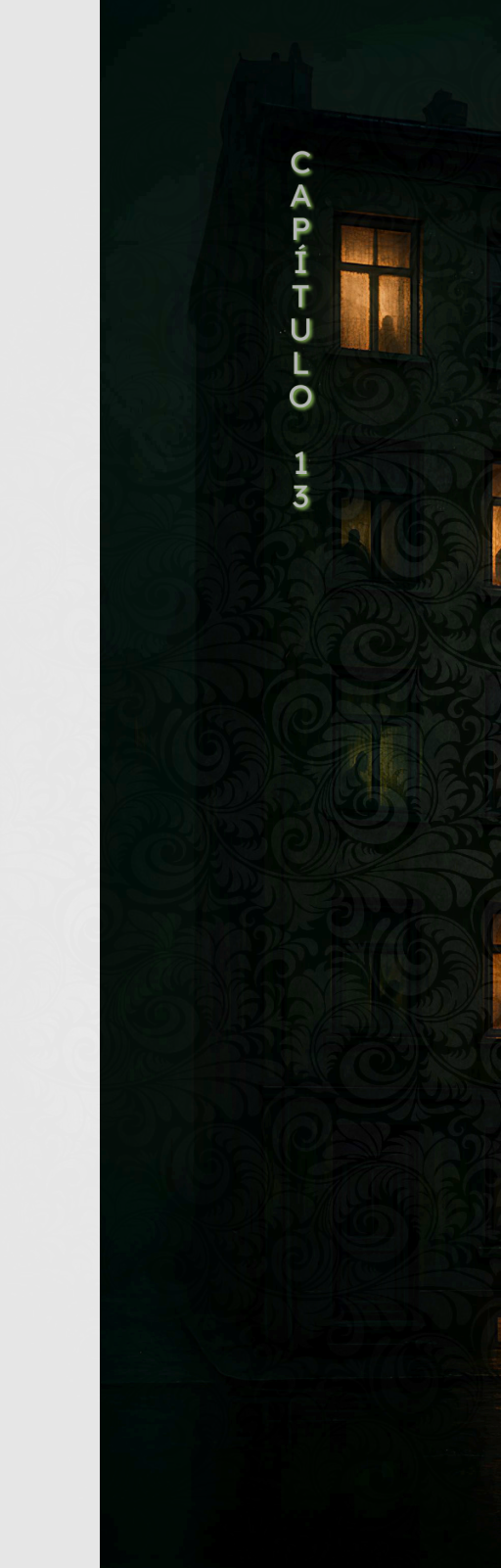
— Ninguém quebra um espelho porque se odeia. A gente quebra quando se convence de que já viu o suficiente.

Parei, respirei, mas não respondi.

A porta se fechou sem ruído. Não houve tranca girando, nem gesto de despedida. Apenas o som abafado de um pano caindo ao chão lá dentro — talvez um tecido velho, talvez uma parte dele.

Fiquei ali por alguns segundos, com a mão pairando no ar onde antes havia uma maçaneta. Não pensei nada. Não senti nada imediatamente. Mas ao me afastar em direção à escada, percebi que meu reflexo no vidro do extintor de incêndio havia sumido.

Ou talvez nunca estivesse lá.



APARTAMENTO 101 – AINDA VAZIO, MAS NÃO INÓCUO

Diferente dos outros, o 101 não tem ninguém. Nunca teve, ao menos desde que me entendo por zelador. Mas nunca consegui tratá-lo como um apartamento vago. Ele é mais como uma presença em repouso — uma espécie de expectativa concreta, como uma cadeira colocada à mesa para alguém que ainda não chegou.

Fica no primeiro andar, de frente para a rua lateral onde as árvores quase tocam as janelas. É o único que recebe luz filtrada pelas folhas, criando desenhos móveis no chão de madeira, que dançam lentamente conforme o vento muda de direção. Quando o sol atravessa as copas, o 101 se enche de silêncios dourados. É bonito, mas inquietante. Como um lugar que tenta lembrar alguém do que já foi esquecido.

A fechadura ainda range um pouco. O chão não está completamente nivelado. Há uma lasca no rodapé perto da cozinha e uma infiltração discreta na parede da área de serviço. Não é o mais bem conservado, nem o mais amplo. Mas há algo ali que me faz voltar, vez ou outra, só para ficar parado por alguns minutos no meio da sala.

Às vezes, deixo a porta entreaberta. De propósito. Quero ver se alguém passa, olha, entra. Já aconteceu. O 202, em um de seus momentos vagos, entrou e permaneceu calado por quase uma hora. Sentou no chão e ficou encarando a parede oposta. Não perguntou de quem era o apartamento. Não comentou nada ao sair. O 401 também passou por lá e deixou um bilhete no parapeito: “O 101 pulsa.”

Nunca soube ao certo o que ele quis dizer.

Em uma das visitas, encontrei um objeto estranho sobre a pia: um caco de porcelana com uma inscrição pela metade. Não sei quem o deixou ali, nem de onde veio. Mas parecia parte de uma xícara antiga, dessas de borda azul. Guardei no bolso. Ainda está comigo.

O 101 parece vaziar sonhos dos outros apartamentos.

Às vezes ouço sons que não vêm dos andares de cima, nem

do corredor. São quase murmúrios, como fragmentos de conversas que ainda não aconteceram. Já ouvi um choro contido e uma gargalhada solitária na mesma noite. Quando fui verificar, o apartamento estava vazio como sempre — mas o chão ainda vibrava levemente, como se alguém tivesse acabado de sair.

Pensei, mais de uma vez, em reformar o espaço. Pintar as paredes, trocar a lâmpada do banheiro, instalar um armário embutido. Mas algo me segura. Como se qualquer mudança pudesse afugentar aquilo que está tentando se manifestar ali. O 101 precisa estar pronto, mas não apressado.

Às vezes acho que ele é um eco antecipado. Um convite emitido antes do remetente saber que foi chamado.

E se fosse possível dar um nome ao que mora ali agora, não seria uma pessoa. Seria uma possibilidade.





CAPÍTULO
14

O PORÃO – O QUE FOI TRANCADO E NINGUÉM QUER LEMBRAR

O porão não é apenas o nível mais baixo do prédio. Ele é o mais pesado. Descer até lá é sentir o ar ficar mais espesso a cada degrau, como se o próprio ar tivesse dificuldade de circular. As paredes são ásperas, com partes do reboco descascando, e o corrimão de ferro é frio, sempre frio, mesmo em dias de calor sufocante.

Ninguém gosta de falar do porão. Nas reuniões, mencioná-lo é quase um tabu. Quando alguém toca no assunto, as conversas mudam de rumo, as vozes ficam mais baixas e até os que bebem ou sonham demais parecem querer olhar para outro lado. E eu? Eu também evito. Mas sempre tive a chave. Uma chave velha, enferrujada, que carrego num molho separado, como se não quisesse que ela se misture com as outras. Ela é mais áspera, como se tivesse sido talhada à mão. Sempre me incomodou o peso dela no bolso.

Decidi descer uma noite, sozinho. Senti que era necessário. Alguma coisa na última reunião me deixou com a sensação de que se eu não encarasse aquele espaço, ele iria, de algum jeito, vir até mim. Levei uma lanterna pequena, mas mal funcionava. A luz tremia a cada passo, projetando sombras longas no corredor estreito, que pareciam se mover por conta própria.

A porta do porão nunca abre de primeira. É preciso girar a chave duas vezes, empurrar com o ombro e ouvir o estalo seco da madeira se soltando do batente. Quando a porta finalmente cedeu, o cheiro veio primeiro: uma mistura de ferrugem, umidade e algo que lembra tecido antigo guardado por décadas. Aquele tipo de cheiro que gruda nas narinas e deixa uma sensação metálica na boca.

Dentro, o espaço é maior do que deveria ser. Mais amplo do que o andar sugere. É como se o prédio guardasse um segredo de arquitetura — ou uma distorção. As paredes são marcadas por arranhões horizontais, feitos talvez por móveis arrastados ou por algo mais insistente. Há caixas velhas empilhadas num canto, todas sem rótulos, algumas abertas, mostrando apenas trapos, jornais amarelados e

objetos quebrados: uma luminária sem cúpula, um ventilador enferrujado, uma garrafa vazia.

No centro do porão há uma cadeira de madeira. Só isso. Uma cadeira simples, com o assento gasto e o encosto rachado. É como se estivesse esperando alguém. Quando a luz da lanterna passou por ela, tive a impressão nítida de que algo se mexeu ao meu redor — como se o ar vibrasse. Não era vento. Não havia janelas abertas. Era... outra coisa.

Me aproximei devagar. O chão estava úmido. Um som quase imperceptível vinha de algum ponto atrás das caixas. Um tipo de estalo seco, como madeira velha cedendo sob peso. Respirei fundo, tentando convencer meu corpo de que era apenas a estrutura do prédio. Mas o prédio inteiro, até onde sei, nunca pulsou assim.

Encostei na cadeira e senti o frio da madeira. A sensação era estranha. Como tocar em algo que, de algum modo, esteve vivo. Olhei em volta e percebi, pela primeira vez, que havia algo gravado no chão de concreto. Palavras riscadas de forma desordenada, algumas ilegíveis, outras claras como se tivessem sido escritas ontem. Li uma delas:

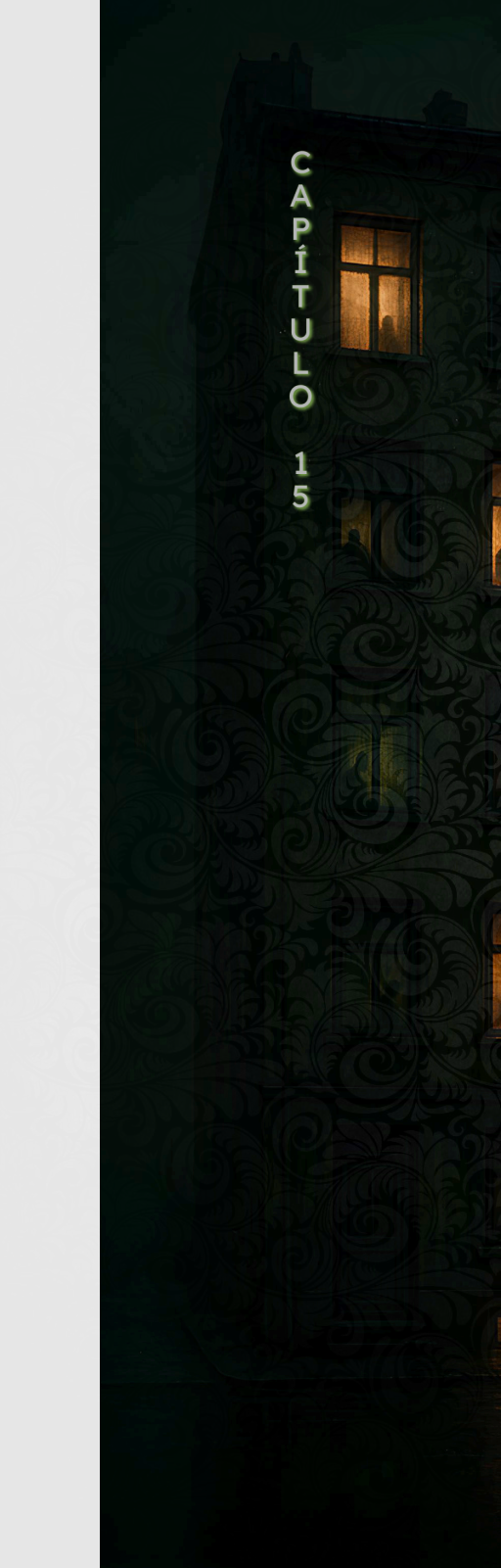
"Fique."

A lanterna falhou nesse instante. Piscou três vezes, apagou e voltou, fraca. Não sei quanto tempo fiquei parado. O ar parecia mais pesado, como se estivesse sendo sugado. Senti uma pressão estranha na nuca, aquela sensação de ser observado por algo que não tem olhos. Foi então que percebi que minha mão estava tremendo sobre a cadeira. Não sei por quê.

Decidi sair. Não corri, mas também não olhei para trás. Fechei a porta com força, girando a chave duas vezes, e subi as escadas com a respiração curta, como quem sobe não apenas um andar, mas uma lembrança ruim que insiste em acompanhar.

Quando voltei ao térreo, percebi que minha roupa estava úmida, como se o ar do porão tivesse me impregnado. Joguei a chave velha sobre a mesa e deixei lá. Não quis guardar de novo no bolso.

Até hoje, quando passo pelo corredor que leva ao subsolo, sinto algo me chamando lá de baixo. Como se o porão tivesse ficado impaciente por eu ter saído antes da hora.



REUNIÃO DE CONDOMÍNIO #3 O QUE FAZER COM O PRÉDIO?

Dessa vez não houve resistência.

Quando anunciei a reunião, ninguém questionou. Nenhum bilhete irônico do 201, nenhuma fuga do 202, nenhuma desculpa do 302. Todos apareceram, quase pontuais, como se sentissem que algo precisava ser discutido antes que o prédio resolvesse decidir sozinho.

A sala parecia menor. Talvez porque o 402 trouxe de novo o espelho, desta vez sem pano, apoiado de frente para todos, como se fosse mais um integrante da reunião. Colocou-o sobre a mesa sem pedir permissão, e o vidro trincado refletia fragmentos de cada um. Quando me sentei, percebi que não havia um reflexo completo — apenas partes de rostos, mãos, pedaços de cadeira. O espelho parecia saber onde cortar.

O 301 foi o primeiro a falar, como se não aguentasse mais guardar nada. Disse que não reconhecia mais a rotina do prédio. Que as escadas estavam diferentes, que o elevador fazia barulhos que nunca fizeram parte do seu funcionamento, e que, à noite, acordava com a sensação de que alguém andava em volta da cama. O 201 interrompeu, quase irritado, afirmando que o problema era a falta de manutenção, e que “se cada um cuidasse do próprio andar, nada disso aconteceria”.

— Nada disso aconteceria? — o 202 respondeu, com uma risada seca. — Você acha que isso é só sujeira? Que a gente tá lidando com o quê, hein? Poeira existencial?

O 401, que até então permanecia calado, abriu um rolo de papel pardo e desenrolou sobre a mesa. Era um croqui do prédio, mas com partes novas, andares inexistentes, corredores que levavam a salas circulares.

— Esse prédio está se mexendo — disse ele. — Não é só metáfora. É real.

O 302 olhou para o croqui e disse apenas:

— Eu já vi essa planta.

— Onde? — perguntou o 401.

— No fundo de uma das cartas que nunca enviei — respondeu o 302, e voltou a olhar para o espelho.

Por alguns segundos, ninguém falou. O silêncio pesou como cimento fresco. Até o 202 se calou, apertando o copo de plástico até quase amassá-lo. Eu observei a todos, mas também me senti observado pelo reflexo quebrado do espelho. Era como se eu também estivesse sentado ali, do outro lado da mesa, mas em pedaços.

A discussão voltou com força quando o 201 propôs uma solução absurda: "Fechar o porão. Soldar a porta. Esquecer que ele existe."

O 302 reagiu de imediato, com uma voz que não usava há muito tempo:

— Quem tenta esquecer o que está no fundo acaba sendo esquecido.

O 202 riu. Não uma risada de humor, mas de nervoso.

— E você sabe disso porque vive tentando beber até apagar, né? — retrucou o 201.

— Melhor beber do que viver tentando lapidar uma vida que nunca sai do rascunho — devolveu o 202, com uma agressividade incomum.

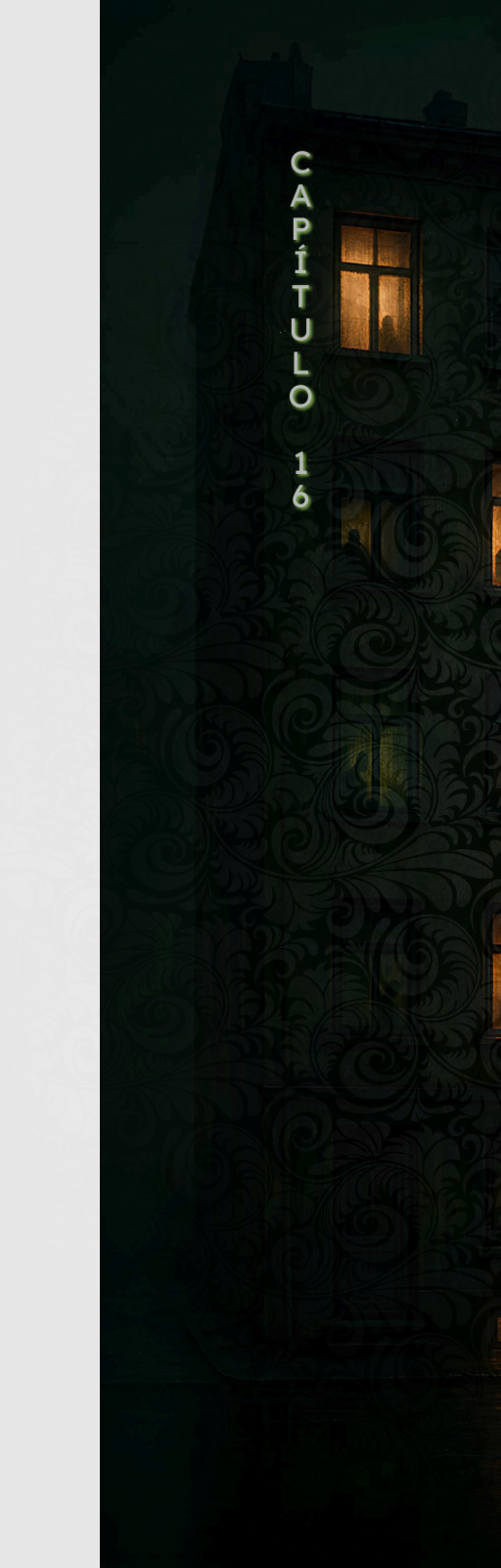
A briga quase cresceu, mas o 301 se levantou e, com uma calma surpreendente, disse:

— A gente está discutindo como se fossem pessoas diferentes. Mas somos o mesmo. E, mesmo assim, não conseguimos nos ouvir.

Silêncio.

Foi o 401 quem encerrou, com uma frase que não entendi se era aviso ou ameaça:

— Se a gente não descer lá juntos, o prédio vai subir até nós.



O 501 QUANDO O VAZIO SE OCUPA

O 501 sempre foi um espaço silencioso, mas não da mesma forma que o 101. Enquanto o 101 tinha uma sensação de expectativa suave, como uma sala pronta para receber uma visita, o 501 parecia um quarto de hospital abandonado — aquele tipo de lugar onde o vazio é tão grande que até os ecos evitam entrar. Eu evitava subir até lá. Havia algo incômodo naquela porta sem marcas, como se o apartamento preferisse continuar esquecido.

No dia em que decidi abrir a porta, percebi que o ar do corredor estava diferente. Um pouco mais frio. Não era corrente de vento. Era algo mais denso, quase como se o 501 já soubesse que seria invadido. A chave girou com dificuldade, como se a fechadura resistisse à ideia de ver luz novamente.

Lá dentro, o ar tinha cheiro de poeira velha e madeira ressecada. Havia teias nos cantos e marcas de móveis que nunca vi. O chão de taco estava gasto, mas limpo de uma forma estranha, como se ninguém passasse ali há anos, mas também como se algo o mantivesse intacto. As paredes, amarelas pelo tempo, pareciam absorver os sons. Quando fechei a porta, o ambiente ficou surdamente vivo, como se respirasse.

Passei a mão pela superfície de uma prateleira e encontrei marcas de dedos. Não eram minhas. Nem recentes. Ao lado, sobre o batente da janela, havia um risco, uma inscrição feita com algum objeto afiado: “É agora.” Três letras tortas, quase apagadas. Fiquei parado, olhando aquilo, tentando lembrar se já tinha visto algo parecido em outro lugar do prédio. Não lembrei.

No meio da sala, havia uma caixa de papelão. Não estava quando visitei o 501 pela última vez. Era nova, mas sem etiquetas. Dentro dela, um único objeto: uma moldura com vidro, vazia. Apenas isso. Peguei a moldura, virei várias vezes, tentando encontrar algum sinal, mas estava completamente limpa. Não entendi se era uma mensagem, um convite ou apenas um reflexo do que o 501 sempre foi — um espaço à espera de quem tivesse coragem de se ver nele. Inteiro.

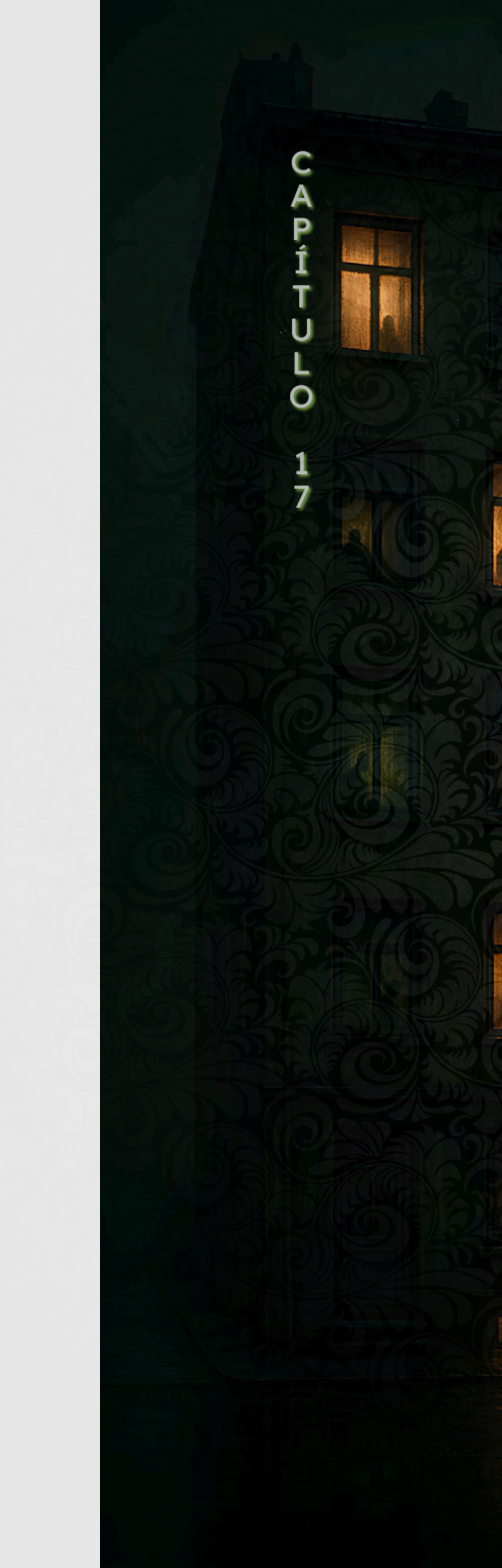
Nos dias seguintes, notei algo estranho: o 501 começou a fazer parte das conversas do prédio. O 401 perguntou se eu tinha notado “um som de passos arrastando móveis” vindo lá de cima. O 202 disse que jurava ter visto uma sombra passar pelo corredor, mesmo não havendo ninguém registrado como morador. O 302 perguntou se eu estava deixando a porta aberta por engano, porque, segundo ele, ouviu alguém escrever algo na parede com caneta, durante a madrugada.

Subi de novo. A porta estava trancada, como deixei. Mas, no interior da sala, havia um papel colado na parede com fita:

“Alguém vai ter que morar aqui.”

Não era pedido. Era ordem.

Desde então, sinto que o 501 está esperando. Não apenas um novo morador — mas um novo “eu”. Alguém que ainda não conheço, mas que já respira através das frestas, observando.



O TELHADO

Subir até o telhado do Farthi nunca é apenas subir. É uma escalada pela coluna vertebral do prédio, uma travessia de todos os andares e dos ecos que habitam cada um deles. As escadas estreitam, as paredes ficam marcadas por goteiras antigas e o ar muda de textura — é mais frio, mais áspero, como se cada degrau quisesse lembrar ao zelador que não há retorno fácil depois que se olha lá de cima.

A porta de ferro que leva ao topo está sempre emperrada. É preciso força e insistência para abri-la, como se o prédio resistisse à ideia de ser visto por inteiro. Quando finalmente cede, um rangido metálico ecoa como um aviso.

Lá em cima, o vento nunca para. Ele varre a superfície de concreto do telhado como um cão de guarda inquieto, levantando poeira e pedaços de tinta descascada das bordas da mureta. A cidade, vista dali, parece outra. Pequena, distante, quase irrelevante. O mundo de fora é só pano de fundo. O que importa é o que está embaixo dos meus pés — o corpo do Farthi, cansado e firme, como um animal velho que nunca deixou de vigiar.

Encontrei o 401 lá em cima, sentado no limite da mureta, as pernas balançando no ar. Ele não se assustou quando me viu.

— Eu sabia que você viria — disse, com aquele jeito de quem fala sem esperar resposta.

— E por que acha isso? — perguntei, apenas para preencher o silêncio.

— Porque cedo ou tarde, todo zelador quer saber se a vista vale a dor de carregar o prédio.

Não respondi. Apenas me aproximei, apoiando as mãos no parapeito frio. A vista não me trouxe paz. Trouxe perguntas. Cada janela abaixo parecia um olho, cada corredor, um intestino pulsante. O Farthi parecia vivo, como se eu estivesse parado sobre a pele de algo que respira sob camadas de concreto.

O 401 estendeu a mão e me deu algo pequeno: um pedaço de vidro.

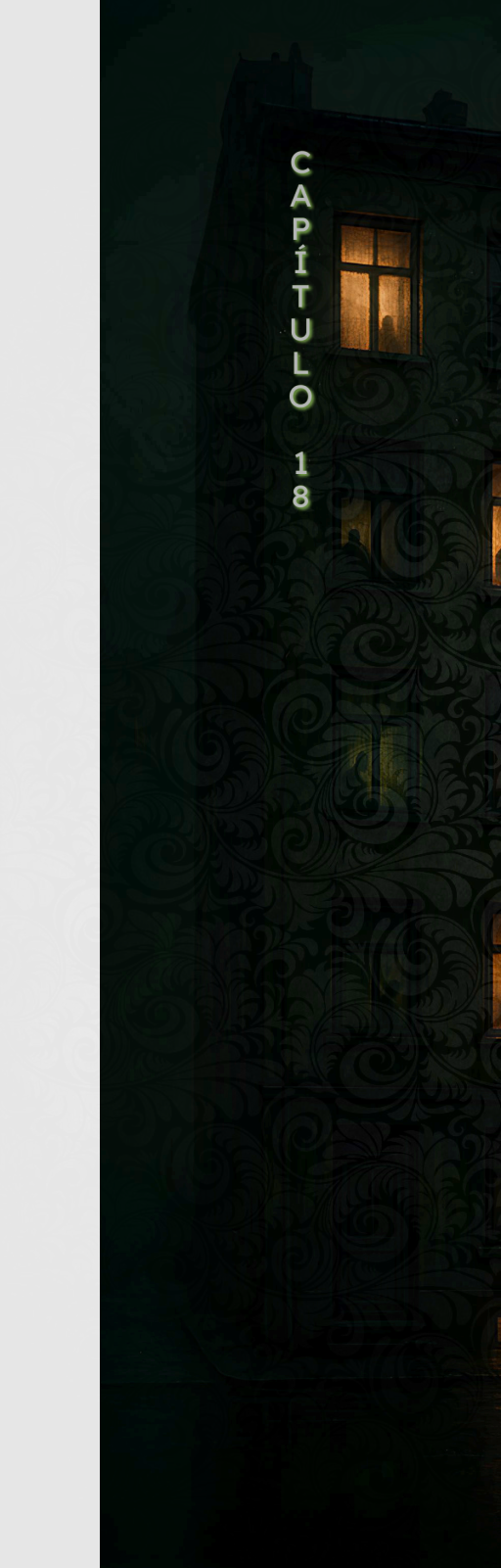
— Tirei isso do porão — disse ele, olhando para o horizonte.
— O prédio está pedindo para ser visto por dentro e por cima. Não sei explicar. Mas acho que você entende.

Guardei o vidro no bolso sem saber por quê.
Olhei para o céu. A noite estava clara, as estrelas pareciam fixas demais, como pontos de costura prendendo o universo no lugar. Por alguns segundos, senti uma vontade estranha de falar com elas — não pedir nada, apenas dizer que ainda estou aqui, que continuo cuidando do prédio, mesmo sem saber se alguém cuida de mim.

O 401 se levantou, bateu as mãos nas calças e disse:
— Se não subirmos de vez em quando, esquecemos de que também podemos ver o que nos vê.

Ele desceu primeiro, deixando o telhado para mim. Fiquei ali por mais alguns minutos, com o vento cortando o rosto, e pela primeira vez em muito tempo, senti algo parecido com liberdade. Ou talvez fosse só a ilusão de estar um pouco acima do peso de tudo que mora nos andares de baixo.

Quando finalmente fechei a porta, tive a impressão de que as estrelas continuaram me seguindo escada abaixo. Como se também morassem no prédio.



A CHAVE QUE NÃO ERA CHAVE

A chave do porão sempre pesou mais do que devia. Ferro antigo, dente torto, cabo gasto pelo meu próprio suor. Eu a carregava num molho separado, como se assim pudesse manter longe o que ela abria. Depois da última reunião, deixei-a sobre a mesa do térreo, como quem abandona uma culpa por algumas horas. Mas ela continuou ali, indiferente, até que outra “chave” apareceu.

Foi o 401 quem me entregou, no telhado: um pequeno caco de vidro, retirado — segundo ele — de algum ponto do subsolo que ele mesmo não soube precisar. Guardei no bolso sem saber por quê. Dias depois, ao passar diante da porta do porão, senti o impulso de aproximá-lo da fechadura. Não fazia sentido. E, mesmo assim, fiz. O metal frio esbarrou no vidro, e por um instante houve um clique — não mecânico, mas interno. Eu entendi: a chave não era a chave. Eu era. E o que eu carregava também.

Antes de descer, considerei chamar alguns moradores. Não para me proteger, mas para testemunhar. Subi até o 201: ele quis organizar uma lista do que deveríamos procurar, montar um protocolo, imprimir folhas. Agradei. Disse que depois conversávamos. No 202, encontrei só a luz acesa e o copo pela metade. Ele me olhou e desviou, como quem sabe que a descida não aceita companhia. O 302 perguntou se eu ia levar papel e caneta. “Pra quê?”, perguntei. “Pra não esquecer o que já foi esquecido”, respondeu. O 301 se ofereceu para ir comigo, mas percebi no gesto uma necessidade de amparar que, ali, me enfraqueceria. O 401 disse apenas: “Se for, não tente entender o porão como estrutura. Ele é outra coisa.” O 402 não abriu a porta. Mas por baixo, pelo vão, escorregou um pano escuro. O mesmo que cobriu o espelho. Peguei. Era um convite para cobrir — ou para descobrir.

No 501, encontrei a porta fechada como sempre, mas havia um novo bilhete colado por dentro do olho mágico, voltado para fora. Em letras firmes: “É agora.”

Abri um sorriso que não chegou ao rosto. Era como se o próprio vazio anunciasse a chegada de alguém.

Voltei ao térreo. Peguei a chave enferrujada com uma mão, o caco de vidro com a outra, e o pano do 402 no bolso. O corredor estava silencioso como em noites de greve de barulho. A luz falhou na primeira tentativa de acender. Respirei. Desci.

A cada degrau, alguma coisa cedia — não no prédio, em mim. Como se os passos pesassem mais do que o meu corpo. A porta do porão, diante de mim, parecia maior do que nunca. Coloquei a chave no buraco, girei duas vezes, e senti o mecanismo ranger por dentro como um animal despertando. Antes de empurrar, encostei o caco de vidro na madeira. O reflexo que veio não foi o meu: foi o do corredor inteiro, como se o prédio, de forma silenciosa, estivesse olhando comigo.

Empurrei. A madeira cedeu. O cheiro veio — o mesmo de sempre, mas mais intenso, como se esperasse por esse momento. Entrei. Fechei atrás de mim. Cobri o espelho com o pano, não por proteção... por respeito.

E desci mais um pouco. Não por degraus. Por dentro.





INVENTÁRIO DO ESCURO

O porão não me recebeu com silêncio. Recebeu com um som que eu não sei descrever. Não era um ruído, nem um eco, nem algo que se ouve de fato. Era como se o próprio ar tivesse um zumbido interno, algo entre o bater de um coração distante e o respirar de uma criatura invisível. E o mais perturbador é que não parecia ser o porão. Parecia ser eu.

A luz da lanterna, fraca, revelou um espaço maior do que deveria existir. Cada vez que eu a movia, os cantos do cômodo pareciam se esticar, como se o porão tivesse mais espaço do que o prédio poderia suportar. As paredes estavam cobertas de inscrições. Palavras riscadas, frases incompletas, nomes repetidos. Algumas datadas, outras apenas rabiscadas com raiva, como se alguém tivesse escrito rápido demais, sem intenção de ser lido. Me aproximei de uma delas:

“Voltar dói.”

Não sei por que aquilo pareceu direcionado a mim.

Segui.

As caixas antigas estavam lá, como lembrava: trapos, jornais velhos, pedaços de objetos que pareciam guardados não por valor, mas por incapacidade de serem descartados. Um ventilador sem hélices, uma boneca sem rosto, fotos borradas pelo tempo. Peguei uma delas. Um pedaço de papel molhado com um homem de costas, olhando para algo que a foto não mostrava. Senti um arrepio. Guardei no bolso. Não por querer. Por não saber deixar ali.

No canto oposto, a cadeira. Sempre a cadeira.

Ela parecia ter sido colocada de frente para nada, esperando alguém que nunca sentou. A madeira estava fria e gasta, com marcas profundas, como unhas arrastadas contra o encosto. Tentei puxá-la para o centro do cômodo, mas ela resistiu. Como se fosse parte do chão.

No concreto, sob a poeira, percebi um padrão estranho.

Palavras escritas diretamente no chão, em círculos concêntricos, sobrepostos:

- “Perdoa.”
- “Esquece.”
- “Eu ainda estou aqui.”

Me ajoelhei para ler melhor, sentindo o frio do concreto subir pelas pernas. Passei a mão por uma das inscrições e, por um instante, tive a sensação de que o chão pulsava sob a pele. Não forte. Apenas... vivo. Me levantei rápido, com a lanterna trêmula.

Foi então que vi algo diferente: uma caixa de metal, menor do que as outras, encostada à parede do fundo. Não estava ali antes. Ao tentar levá-la, percebi que estava trancada. E, curiosamente, sem cadeado — mas com algo escrito: “O que você não quer lembrar está aqui.”

Senti a garganta secar.

Não abri.

Ainda.

Antes de sair, olhei ao redor uma última vez. O porão não era apenas um depósito. Era uma espécie de arquivo emocional do prédio, um lugar onde tudo que foi suprimido vinha parar em algum canto aqui. Era a soma de todas as memórias renegadas.

Fechei a porta atrás de mim, mas não levei a chave. Deixei-a na fechadura, como se parte de mim ainda estivesse lá dentro, sentada na cadeira, esperando que eu voltasse.



O QUE FICOU PRÉSO (E QUEM)

Voltei ao porão na noite seguinte, sem lanterna. Quis ver o que ele me mostraria sozinho, sem o controle da minha mão sobre a luz.

A chave ainda estava na fechadura, do jeito que deixei. Ao girá-la, senti um arrepio, como se algo lá dentro tivesse ouvido o movimento e se preparado para a visita. Empurrei a porta e entrei.

Dessa vez, a escuridão não me pareceu absoluta. O próprio espaço parecia emitir um brilho opaco, quase um cinza noturno, como se os objetos ali dentro tivessem absorvido tanta vida que se tornaram luz e sombra ao mesmo tempo. As caixas não estavam mais empilhadas como no dia anterior. Algumas haviam mudado de lugar. Outras, abertas. Uma boneca sem rosto agora estava sentada na cadeira, olhando na minha direção.

No chão, novas palavras riscadas:

“Não adianta fechar a porta se você continua aqui.”

E eu continuei. Porque entendi que o porão não queria ser evitado. Ele queria ser reconhecido.

Me aproximei da caixa de metal. As letras na tampa, “O que você não quer lembrar está aqui”, estavam mais nítidas agora, como se alguém tivesse reforçado os riscos durante a noite. Toquei a tampa com as duas mãos. O metal estava gelado e, ao mesmo tempo, pulsava. Como pele. Respirei fundo e abri.

Não havia nada dentro.

Nada que eu pudesse ver.

Mas havia algo que eu sentia, como se o vazio da caixa fosse exatamente o tamanho das memórias que não quis guardar em nenhum outro lugar. Naquele instante, entendi que o porão não guarda coisas — guarda versões. As versões que o zelador tentou trancar para continuar andando.

Olhei ao redor e vi essas versões. Não como pessoas, nem como fantasmas. Mas como fragmentos. Um silêncio pesado, um olhar não dito, uma raiva dobrada e guardada

em um canto da sala. Vi pedaços de mim espalhados ali. O garoto que aprendeu cedo a cuidar de tudo, a voz que engoliu desculpas que nunca pediu, a vontade de fugir que ficou presa no fundo da garganta. Tudo ali. Me olhando. Sem forma, mas me olhando.

— Vocês não vão embora, vão? — perguntei, sem saber para quem. O ar se moveu levemente, como uma resposta. Não de negação. Não de concordância. Apenas presença.

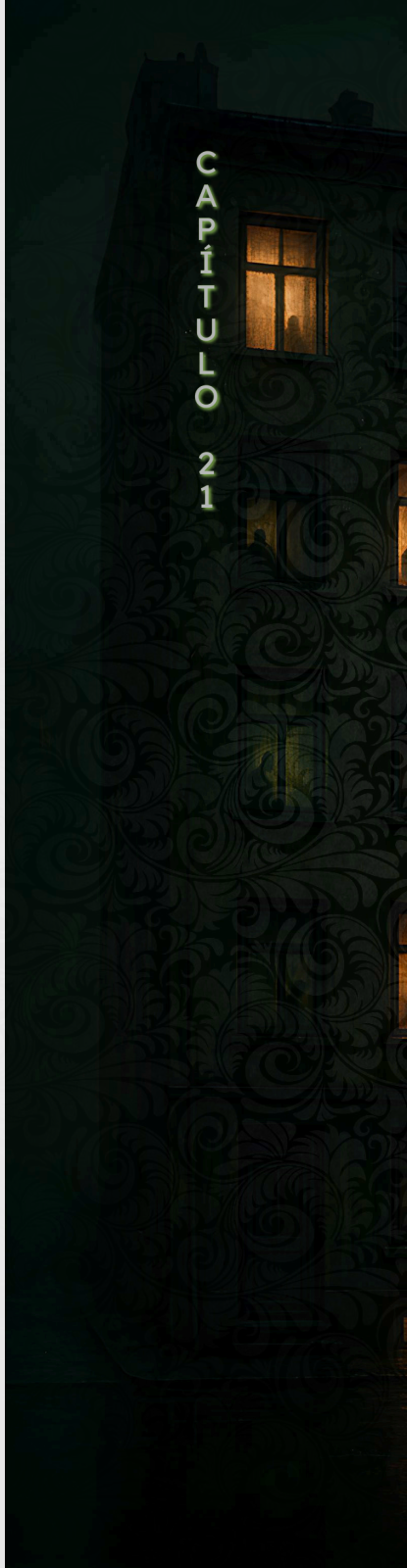
Entendi então que não se trata de expulsar o que mora no porão. Seria como tentar arrancar uma cicatriz para voltar ao que nunca existiu. O porão existe porque eu existo. Porque o prédio existe. Porque todos os moradores, com seus vícios, cartas, espelhos quebrados e sonhos, nasceram dessas sombras.

Sentei na cadeira, com a boneca sem rosto ao lado, e fiquei ali por um tempo que não sei medir. Não pensei. Não quis entender. Apenas deixei o espaço ser o que era. Quando levantei, percebi que a inscrição do chão sob meus pés havia mudado. Agora dizia:

“Você viu. Agora pode subir.”

Fechei a caixa vazia, empurrei a porta e subi as escadas sem pressa, como quem volta de uma visita que não precisa ser comentada. A chave ficou na fechadura. Não tiro mais.

Quando cheguei ao térreo, tive a sensação de que os outros andares estavam em silêncio absoluto, como se esperassem que eu dissesse algo. Não disse. Mas, pela primeira vez, senti que o prédio respirava comigo. Não contra mim.



A FACHADA

Depois do porão, nada na superfície parece igual.

Descer até aquele fundo, encarar as coisas que eu mesmo trancara, me fez ver a fachada do Farthi com outros olhos. Antes, eu a tratava como uma vergonha silenciosa — um rosto gasto demais, marcado por manchas de ferrugem e pintura descascada. Sempre imaginei que um dia teria que renová-la, esconder os sinais do tempo, fingir que o prédio era algo que ele nunca foi. Agora, parado na calçada, percebo que as rachaduras contam mais verdade do que qualquer tinta nova seria capaz de inventar.

O Farthi não é bonito.

Mas é real.

E talvez seja exatamente isso que o mantém de pé.

Olho para cima. Cada janela reflete uma história, um pedaço de quem mora lá. O perfeccionismo do 201 se revela na persiana milimetricamente alinhada; o 202 deixa uma garrafa vazia no parapeito, como um aviso de que ainda está bebendo para ver se sente algo; o 302 exhibe um bilhete preso por fita, meio amassado, como uma carta aberta ao vento; o 401 improvisou um pano colorido que balança como bandeira de um território inventado. O 402 mantém o vidro escuro, opaco, como se dissesse que nada ali está disponível para o mundo. E o 501? Apenas um reflexo de céu, vazio e ao mesmo tempo esperando.

A fachada é um mosaico dessas presenças. Um painel acidental de tudo que há dentro do prédio — medos, vontades, tentativas de ser visto ou de se esconder. Antes, eu pensava que isso era feio. Hoje, acho quase honesto.

Levo uma escada até o letreiro antigo, onde um dia houve uma placa. Apenas os buracos dos parafusos restam, ferrugem ao redor. Passo a mão na superfície fria e sinto que ali deveria estar o nome do prédio. Farthi. Um nome que não se exhibe, mas carrega uma raiz. Jornada. Caminho. Um nome que não precisa gritar para existir.

Por um momento, penso em mandar pintar a fachada. Uma cor nova, algo que dê aparência de renovação. Mas logo percebo que isso seria um erro.

As rachaduras são a história. São a prova de que esse prédio enfrentou a própria sombra e ainda está de pé.

Pintar seria apagar o que já aceitei.
Prefiro deixar as marcas expostas.

Enquanto guardo a escada, sinto algo diferente no ar. Não é vento, não é chuva — é como se o prédio estivesse mais leve. Talvez porque, depois do porão, ele não precise mais esconder nada.

Olho uma última vez para cima e vejo o sol bater de frente nos vidros. Cada janela devolve um reflexo torto de mim, fragmentado, como se cada morador mostrasse uma parte que nunca consegui ver sozinho.

Sorrio. Não porque está bonito.
Mas porque está verdadeiro.



POR QUE FARTHI?

Durante algum tempo, pensei que o prédio não precisava de nome.

Ele era apenas o prédio — um corpo de concreto gasto, que respira quando ninguém está olhando, que guarda histórias sem perguntar se alguém quer lembrá-las. Eu achava que bastava cuidar dele: trocar lâmpadas, reparar vazamentos, varrer os corredores. Mas um dia percebi que isso não era suficiente.

Tudo que existe, em algum momento, pede para ser chamado.

E o nome veio como se sempre tivesse estado à espreita: Farthi.

Descobri que “Farthi” tem raiz germânica e significa caminho, jornada, travessia.

E então entendi: este prédio nunca foi só um lugar para se morar. Ele é uma estrada vertical, feita de portas e janelas que abrem para versões de mim mesmo. Cada morador, cada andar, é um pedaço da minha história — fragmentos que coexistem, brigam, se evitam, mas que formam, juntos, o que sou.

Farthi é a travessia.

E, como todo caminho, ele não é perfeito.

Ele carrega marcas do que suportou: manchas deixadas pelas escolhas erradas, rachaduras abertas pelos dias em que silencieei demais, portas emperradas por falta de coragem para abri-las. Ele não é liso, nem bonito, nem fácil de habitar. Mas é vivo.

Cada fissura é um registro do que sobreviveu.

Cada imperfeição é a prova de que ele resistiu, mesmo quando parecia que ia ruir.

Há um certo orgulho em olhar para algo e dizer: “é meu”, não porque é impecável, mas porque carrega minha história — as partes que brilham e as que eu preferiria não mostrar.

Farthi é isso. É feito de pedaços que um dia tentei expulsar, de eus que pensei que não mereciam lugar, mas que encontraram um apartamento para existir. É um prédio erguido sobre erros, ajustes, dores e tentativas.

É sujo, é marcado, é pesado.

Mas é meu. Inteiramente meu.

A close-up photograph of a weathered wooden sign mounted on a stone wall. The sign is rectangular and made of dark, textured wood. The word "Farthi" is carved into the center of the sign in a stylized, gothic-style font. The sign is secured to the wall by four dark, round metal rivets, one in each corner. The background is a wall of rough, dark stone blocks with visible cracks and textures. The lighting is dramatic, coming from the side, highlighting the grain of the wood and the texture of the stone.

Farthi

SOBRE O NOME



Pouca gente sabe, mas o nome Fernando tem raízes germânicas antigas. Deriva da junção de duas palavras: “fardi” ou “farthi”, que significa caminho, viagem, e “nand”, que remete a ousadia, coragem, ousar.

Fernando, portanto, é aquele que **ousa seguir um caminho**.

Não um nome estático — mas uma travessia viva, feita de decisões, desvios, recomeços, quedas e reinvenções. É um nome que carrega movimento. E conflito. Carrega o ato de ir, mesmo quando tudo dentro de si diz para ficar.

Foi a partir disso que nasceu o nome do prédio.

Farthi.

Uma morada feita de caminhos internos.

Cada andar, um quarto de si mesmo.

Cada porta, um pedaço de memória.

Cada morador, uma versão que se formou — ou se perdeu — nessa jornada de ousar viver.

Farthi não é um edifício de concreto. É um edifício de eus.

Um abrigo para tudo o que não cabe num único nome.



QUARTA CAPA

Você já abriu todas as portas dentro de você?

Edifício Farthi não é apenas um prédio. É um mapa vertical de memórias, dores e desejos.

Cada apartamento guarda um morador — e cada morador é uma versão do narrador que você vai reconhecer como se fosse sua. O zelador, que nunca abandonou a função de cuidar, é o fio que conduz essa travessia pelas rachaduras, espelhos quebrados e cartas nunca enviadas.

Aqui, não há paredes lisas: tudo fala.

Tudo respira.

E quando o porão finalmente é aberto, o que emerge não são fantasmas — mas partes de nós que estavam esperando para serem vistas.

Um livro para quem não teme olhar para dentro.

Ou para quem teme, mas sabe que não pode evitar.

E, por ser meu, é também o lugar onde aprendo a aceitar quem sou.

Se você chegou até aqui, talvez também carregue um prédio interno, com andares que guardam versões esquecidas, portas que você evita abrir e um porão que parece mais fundo do que deveria.

O que aprendi com o Farthi é simples:
não há saída sem antes olhar para dentro.

Mesmo que doa.

Mesmo que trincar seja inevitável.

Agora o prédio tem nome.

E, de algum modo, sinto que eu também tenho.

